



**TRABALHO DE CAMPO EM ARQUEOLOGIA E OFICINAS SOBRE  
PATRIMÔNIO IMATERIAL, TERRITÓRIO E MEMÓRIA**



Universidade Federal do Pará

Projeto de Pesquisa "Diagnóstico do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser Realizado em  
Parceria com as Comunidades Locais"

Processo no IPHAN: Processo nº 01492.000372/2011-75  
Contrato Nº 06/2012

## TRABALHO DE CAMPO EM ARQUEOLOGIA E OFICINAS SOBRE PATRIMÔNIO IMATERIAL, TERRITÓRIO E MEMÓRIA

RELATÓRIO DA III ETAPA  
PERÍODO: 15 A 17 DE JUNHO DE 2013

BELÉM  
AGOSTO/2013

## **Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga**

*Profa. Dra. Rosa Elizabeth Acevedo Marin*

Coordenadora

Pesquisadores:

- *Irislane Pereira Moraes*  
Licenciada em Sociologia – UFPA – Campus de Marabá. Especialista em Arqueologia Pública  
Mestre do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGA/UFPA
- *Ângelo Pessoa Lima*  
Graduado em Ciências Sociais - UFMG  
Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social – PPGA/UFPA
- *Eliana Ramos Ferreira*  
Bachaller en História – UFPA  
Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
- *Fernando Marques*  
Graduado em Arquitetura – UFPA  
Doutor em História. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
- *Manoel Clauderi Coutinho da Luz*  
Graduando do Curso de Educação do Campo - Campus de Marabá – UFPA

### **Colaboradores**

- *Carlos Pará*  
Jornalista
- *Edilena Santos Silva*  
Graduando do Curso de Etnomatemática - UFPA
- *João da Conceição da Silva Santos*  
Nova Ipixuna

## APRESENTAÇÃO

A terceira etapa do Projeto de Pesquisa “Diagnóstico do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser realizado em Parceria com as Comunidades Locais” Processo no IPHAN: Processo Nº 01492.000372/2011-75 Contrato Nº 06/2012 também realizado com a denominação “Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga” teve como atividades principais:

- a) Completar o levantamento de documentos históricos sobre a região do Capim, sistemas de produção e engenhos coloniais.
- b) Realizar trabalho de campo nas comunidades quilombolas de Taperinha, Sauá-Mirim, Ipixuna, Alegre Vamos, Benevides e entrevistas em Santana do Capim.
- c) Executar medições no engenho Aproaga.
- d) Realizar Oficina na comunidade de Sauá Mirim, com participação das comunidades de Taperinha, Nova Ipixuna, Alegre Vamos e Benevides sobre Memória do prédio do Engenho Aproaga
- e) Transcrever as fitas e vídeos.
- f) Selecionar e fazer a preparação de fotos para montagem de vídeo clips.
- g) Sistematizar os documentos diversos para elaboração do Álbum, da Exposição fotográfica e de três vídeos- clips<sup>1</sup>.
- h) Organizar o Seminário local.
- i) Reunião com membros da AQUARC e professores em Taperinha para informar sobre resultados deste trabalho. Período: 18 de junho a 05 de julho de 2013
- j) Escrever o artigo intitulado *Quilombolas do Aproaga, Vale do rio Capim: Território como eixo de identidade coletiva e patrimonialização cultural* de autoria de Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Eliana Ramos Ferreira, Fernando Marques, Irislane Pereira de Moraes, Ângelo Pessoa Lima, Manoel Clauderi Coutinho da Luz a ser publicada em coletânea organizada pelo PNCSA.

Este Relatório apresenta a descrição pormenorizada, com apoio amplo das fotografias sobre estas atividades que representam o encaminhamento para a fase final do Projeto.

O Relatório compreende um longo período compreendido entre março de 2013 até o presente. No mês de março havíamos concluído e apresentado o Relatório da II etapa que circunstanciou a Excursão de Quiandeua à Graciosa. O relatório correspondente foi entregue e

---

<sup>1</sup> Existe ainda a possibilidade de elaborar um vídeo a partir das diversas gravações feitas nos três períodos de campo.

<sup>2</sup> O total indicado é produto da subtração de imagens sem resolução ou sem qualidade seja por cortes,

mantivemos uma proveitosa reunião de trabalho com a equipe do IPHAN e inclusive foi elaborada uma Notícia Técnica.

Na oportunidade, indicamos uma serie de limitações que se mantiveram ao longo dos dois trimestres, a saber:

- a) A III Parcela foi liberada no dia 24 de maio de 2013.
- b) O trabalho de campo correspondente a essa etapa foi realizado entre 15 e 17 de junho. Quanto ao Projeto foi prorrogado para o dia 21 de julho de 2013.
- c) No dia 20 de junho foi entregue o ofício 11/2013 com a solicitação de prorroga para 21 de outubro de 2013, posto que os recursos liberados não permitiam cumprir o cronograma em data tão próxima, ou seja no dia 21 de julho.
- d) Apresentação à FADESP do orçamento do Álbum Povos Tradicionais do Rio Capim: cultura e territorialidade, solicitado à Editora Resistência.
- e) Consulta de informações sobre o ISBN para o Album, enviada ao IPHAN no dia 13 de junho de 2013 e não atendida até o presente.

Desta feita, caracteriza-se a gestão do projeto (ver anexo 1) com dificuldades crescentes, posto que existe uma defasagem entre os executores da pesquisa, seus pedidos e os atendimentos por parte do IPHAN/FADESP.

Confiamos que no decorrer deste mês de agosto seja possível termos a resposta sobre a liberação dos recursos, enquanto finalizamos o álbum, a exposição, os vídeo clips. Para a sua viabilizamos há necessidade de adiantamentos financeiros.

## **1. LEVANTAMENTO DE DOCUMENTOS HISTÓRICOS SOBRE A REGIÃO DO CAPIM, SISTEMAS DE PRODUÇÃO E ENGENHOS COLONIAIS.**

No interregno de junho a agosto, procuramos dar continuidade às buscas de documentação nas instituições de pesquisas, para deslindar as filigranas acerca do engenho Aproaga, encerradas nos diversos documentos, cruzando as informações e os dados, já coletados, com os que foram encontrados no período de junho, agosto e setembro. Outra etapa efetivada foi a sistematização do registro dos documentos, da década de 1940, existentes e coletados no Cartório de Licínio Rodrigues, localizado no município de São Miguel do Guamá sobre a Fazenda Aproaga.

Dessa busca incansável nos arquivos cruzam-se os diferentes documentos. No Centro de Memória da Amazônia foi localizado o Auto de Avaliação do “Sítio denominado Tapéra-Assú”, realizado em quatorze de novembro de 1911, situado no rio Guajará, município da Capital freguesia da Sé. O referido sítio possuía “casa de vivenda, coberta de telha, plantações de árvores frutíferas, dezesseis caminhos de seringueiras no estado e mais benfeitorias existentes, medindo as respectivas terras meia légua de frente e uma de fundos(...)”. Esse sítio era da viúva d. Francisca Fanjas, que herdou por morte de seu marido, o senhor Jean Fanjas, tendo sido avaliado em vinte contos de reis. Essa certidão (Figura 2), foi utilizada no dia doze de março de mil novecentos e quarenta e um, por d. Francisca Fanjas para proceder ao registro do Sítio supracitado no Cartório de Licínio Rodrigues, sob o nº de ordem 858 (figura 1).

Figura 1

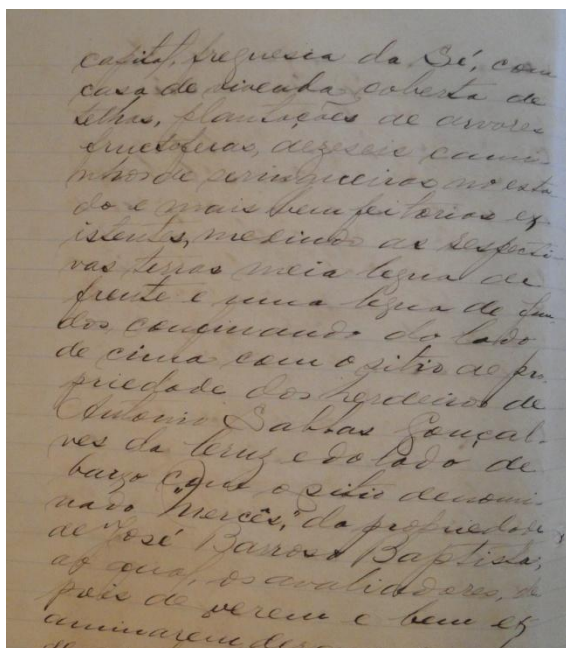
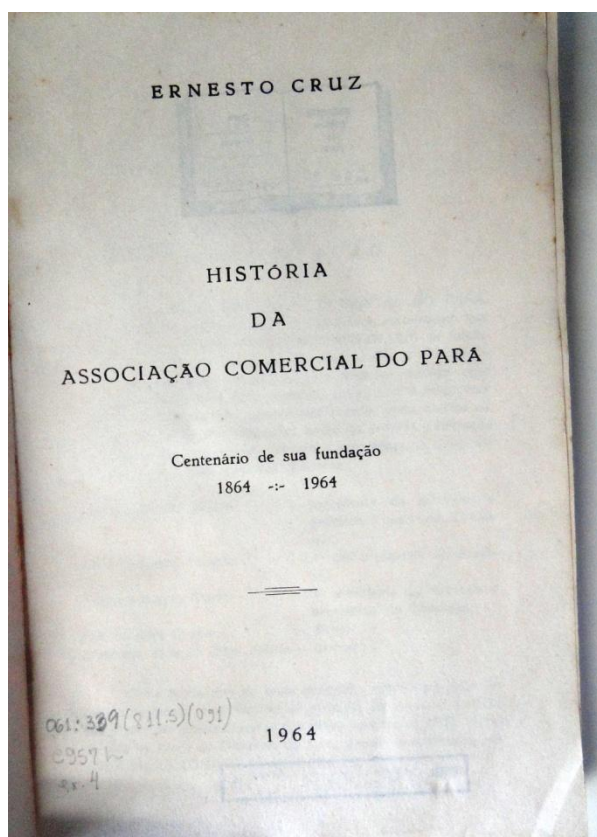


Figura 2

| TRANSCRIÇÃO DOS IMOVEIS |      |                 |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |                                                                                                                                                                                                                                                  |
|-------------------------|------|-----------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| NUMERO DO IMOVEL        | DATA | PREÇO DO IMOVEL | COMENTÁRIOS E CARACTERÍSTICAS DO IMOVEL                                                                                                                                                                                                                                                                                        | NOTAS E OBSERVAÇÕES DO IMOVEL                                                                                                                                                                                                                    |
| 152                     | 1900 | 1000            | Imóvel denominado "Fazenda de São João", situado na freguesia de São João, município de São João, Estado de São Paulo. O imóvel possui uma área de 100 hectares, com uma casa de madeira, cercada por um muro de pedra, e uma horta com diversas plantas. O imóvel é propriedade de São João, e o preço de compra foi de 1000. | Imóvel de São João, Estado de São Paulo. O imóvel possui uma área de 100 hectares, com uma casa de madeira, cercada por um muro de pedra, e uma horta com diversas plantas. O imóvel é propriedade de São João, e o preço de compra foi de 1000. |

A investigação realizada na Comissão Demarcadora de Limites (CDL) revelou-se frutífera. Encontramos um mapa, de 1940, em excelentes condições. Graças à permissão concedida, foi feito o devido registro fotográfico. Outra aquisição significativa na referida instituição foi o trabalho de Amando Mendes, "As pescarias amazônicas e a piscicultura no Brasil", de 1938, que possibilitou a reflexão e comparação dos métodos, instrumentos e práticas de pescarias em algumas regiões da Amazônia, entre essas o Vale do Rio Capim.

Na Biblioteca Pública "Arthur Vianna", no Centro Cultural Tancredo Neves, encontramos e resgatamos o livro do historiador Ernesto Cruz, publicado em 1964, sobre a História da Associação Comercial do Pará, obra comemorativa do centenário da Associação Comercial, fundada em 1864.



Na presente obra o historiador reafirma a importância do Rio Capim para a economia do Pará. Ao escrever sobre a economia açucareira, Ernesto Cruz destaca que ele conseguiu localizar somente trinta e seis engenhos de açúcar, espalhados nas seguintes localidades do Pará: Abaeté, Acará, Anapú, Arari, Barcarena, Bujarú, **Capim**, Carapajó, Guamá, Mojú, Marajó, Maguari (Furo), Óbidos, Ponta de Pedras, Tocantins (rio), Val-de-Cães (rio) Guajará, baía de Marapatá e Belém. Ainda segundo o historiador Ernesto Cruz, o açúcar procedia, em sua maior parte, das seguintes localidades: Barcarena, **Capim**, Acará, Guamá, Mojú. De alguns restam as ruínas, como a do Aproaga.

## 2. TRABALHO DE CAMPO NAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS DE TAPERINHA, SAUÁ-MIRIM, IPIXUNA, ALEGRE VAMOS, BENEVIDES E ENTREVISTAS EM SANTANA DO CAPIM.

No período de 15 a 17 de junho foi realizado um período de trabalho de campo no qual participaram os pesquisadores: Eliana Ramos Ferreira, Rosa Elizabeth Acevedo Marin, Fernando Marques Tavares e também participou como colaborador o jornalista Carlos Pará. A equipe se hospedou no Hotel Amazônia, em Mãe Maria e realizou viagens diárias para as comunidades quilombolas de Taperinha, Sauá-Mirim, Nova IPIXUNA, Benevides e ainda o fez até Santana do Capim para realizar entrevistas, as oficinas e as medições no sítio arqueológico do Aproaga. Entre os objetivos deste período de campo listam-se:

- a) entrevistar pessoas que conheceram o engenho do Aproaga e através da memória continuar na reconstrução do prédio. No decurso das entrevistas se confirmou que as narrativas sobre o edifício nas diversas falas refaziam as experiências e subjetividades conectadas com um universo simbólico e afetivo de grande riqueza e relevância.
- b) realizar as medições e fotografias dos vestígios do engenho Aproaga.
- c) encontrar os professores das escolas quilombolas para apresentar a pesquisa e destacar a relevância para o ensino nessas escolas.

- d) ampliar as fotografias sobre trabalho – pesca, roça, artesanato e identificação do território.
- e) ensinar a utilização de instrumentos tal como as trenas, bússolas.
- f) refletir sobre recentes conflitos intra grupos pelo território, como observado em relação a Benevides.

Alguns destes itens são destacados como item deste relatório pela sua relevância para o projeto.

### Entrevistas

Os nomes dos entrevistados foram sugeridos nas varias etapas da pesquisa quando se indicavam as pessoas que nasceram, moraram, trabalharam no engenho, em especial, na fase em que se constituiu como comércio ou quando funcionou na proximidade uma serraria. A realização das entrevistas nos mobilizou para as residências destas pessoas, tanto em Santana do Capim como nos povoados quilombolas de Sauá Mirim, Nova Ipixuna e Taperinha. De forma breve, apresentam-se no quadro abaixo os nomes dos entrevistados:

| Nome                      | Localidade                                             | Foco das memórias e narrativas                                                                                                                                                           |
|---------------------------|--------------------------------------------------------|------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Dona Lourença<br>92 anos  | Mora em Santana de Capim                               | A memória afetiva do casarão e focaliza as pessoas que viviam e que ela conheceu no engenho Aproaga .<br>A entrevista foi iniciada no dia 16 de junho e finalizada na manhã do dia 17/6. |
| José Ruela                | Santana do Capim<br><br>Trabalhou no prédio do engenho | A memória registra com lucidez o prédio, seus compartimentos e formas de acesso.<br>Na vila de Santana no dia 15 de junho de 2013.                                                       |
| João Henrique             | Taperinha                                              | Memória do Casarão pois durante a infância circulava pelo prédio, regularmente. Estava na companhia de sua esposa. No dia 16 de junho                                                    |
| América dos Santos        | Taperinha                                              | Memória do Casarão. Ela chegou a trabalhar no engenho Aproaga. Na sua casa no dia 16 de junho.                                                                                           |
| Estandico Coutinho da Luz | Taperinha                                              | Apresentou dados importantes para identificar as áreas de circulação e o                                                                                                                 |

|                |                            |                                                                                                                                                                |
|----------------|----------------------------|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|                |                            | pavimento superior. Recorda as escadarias e a divisão interna. No intervalo da oficina foram feitos os registros.                                              |
| Raimundo Aires | Quiandeua – alto rio Capim | Narra as viagens que fazia desde Quiandeua até Santana e com prolongamento no engenho Aproaga. Suas lembranças enfatizam o comércio e a existência da serraria |

As fotografias abaixo foram tomadas em momentos de realizar entrevistas e filmagens. O pesquisador Fernando Marques realizou o aprofundamento de entrevistas com base em um roteiro que incluía diversas questões sobre o prédio, insistindo na disposição e divisórias dos compartimentos, formas de uso dos cômodos, modos de acesso, materiais e possíveis reformas.

Entrevista com o Senhor Raimundo Aires (alto Rio Capim) em março de 2013



Entrevista com Dona Lourença na sua casa situada no povoado de Santana do Capim



Entrevista com o Sr. José Ruela, na vila de Santana (no fundo a igreja de Santana do Capim)



Entrevista com o Sr. João Henrique e sua esposa (na primeira foto o Sr. Henrique examina a representação da fachada do casarão do Aproaga)





**Entrevista com Dona América dos Santos, irmã do Senhor João Henrique**



Outras entrevistas se orientaram para ampliar o conhecimento sobre o trabalho na roça, na pesca, no artesanato e foram realizadas nos respectivos povoados ou acompanhando a sessão de georreferenciamento.

| Entrevistado                               | Localidade   | Conteúdo                      |
|--------------------------------------------|--------------|-------------------------------|
| Dona Agueda                                | Benevides    | Território, roças e conflitos |
| João da Conceição da Silva Santos (Pitada) | Nova Ipixuna | Pesca e roça                  |
| Manoel Clauderi Coutinho da Luz            | Taperinha    | Pesca, roça                   |
| Ana Cristina Ferreira da Silva             | Benevides    | Sítio Aproaga                 |

### 3. MEDIÇÕES E FOTOGRAFIAS DOS VESTÍGIOS DO ENGENHO APROAGA.

Nos dias 16 e 17 foi realizado o trabalho de medição do prédio do Aproaga que foi conduzido pelo pesquisador Fernando Marques Tavares, com a ajuda de Manoel Clauderi Coutinho da Luz e João da Conceição da Silva Santos (Pitada). Essa atividade consistiu em limpeza do terreno e medições sobre o traçado das ruínas, de forma a conferir a existência de paredes internas, das divisórias. Com este trabalho foram coligidos os dados que permitirão montar uma maquete digital, em três dimensões, com base nas experiências do mencionado pesquisador.

Fernando Marques e Manoel Clauderi da Luz realizam medições e conferem com um croqui.



Fernando Tavares e João Conceição Silva dos Santos realizam escavações para verificar as paredes.



Fernando Marques realiza escavação para verificar paredes do engenho Aproaga



Fotografia de parte do prédio demolido.



Estudo sobre o sítio prévio a iniciar as medições.

No fundo Manoel Clauderi (com a trena na mão) e Fernando Marques destacam o lugar das medições laterais.



O jornalista Carlos Pará é fotografado por João Conceição dos Santos



(Pitada)

Retorno da equipe atravessando o rio Capim. Acompanha a criança Luciana (Tia Preta) que esteve por primeira vez no sítio do engenho.



Georreferenciamento do sítio da roça da Sra. Agueda (próximo de Benevides)



#### 4. OFICINA NA COMUNIDADE DE SAUÁ MIRIM, COM PARTICIPAÇÃO DAS COMUNIDADES DE TAPERINHA, NOVA IPIXUNA, ALEGRE VAMOS E BENEVIDES SOBRE MEMÓRIA DO PRÉDIO DO ENGENHO APROAGA.

No dia 16 de junho de 2013, no horário da tarde estiveram reunidas no salão da comunidade de Sauá-Mirim para realizar uma oficina que teve como tema o prédio do engenho Aproaga os professores das Escolas de Taperinha, Alegre Vamos, os estudantes, os quilombolas. Todos receberam material impresso (Boletim Destaque do MPEG), uma prancheta, lápis e borracha.

Depois da explanação do pesquisador Fernando Marques Tavares sobre os objetivos da oficina orientada para a rememoração do prédio do Aproaga os presentes se orientaram para representar tanto o que lembravam como as descrições do mesmo. Esse exercício teve duração de três horas e culminou com uma representação a partir da memória coletiva.

Banner apresentado pelo pesquisador Fernando Marques aos quilombolas do Aproaga e introdutório à oficina.



Distribuição dos materiais para os participantes da Oficina.



Fernando Marques inicia a apresentação do croqui do engenho, realizado com base em croqui desenhado na oficina de março de 2013 e descrições. Na primeira fila estão a professora Ana Cristina e o professor Antonio José do Nascimento Amaral.



Os participantes acompanham as explicações do pesquisador Fernando Marques



O Senhor Estandico da Luz e o professor Antonio José do Nascimento Amaral observam e comentam a versão do croqui e analisam a foto do engenho Aproaga.



Assinatura do Termo de Cessão de Imagem por um dos



participantes

A atividade de desenho do grupo foi compartilhado por adultos e crianças.



O prof. Nascimento Amaral observa o trabalho realizado na prancheta





Professores Francisca Clenilda N. Amaral e Antonio José do Nascimento Amaral participaram da Oficina e da reunião com os professores.



Alunos da Escola de Ensino Fundamental de Taperinha fotografados na sala de aula

No dia 16 de junho foi realizada uma reunião com os professores das escolas quilombolas do rio Capim (com seis professores presentes) com objetivo de expor o projeto e vincular os resultados da pesquisa aos conteúdos das disciplinas ministradas. O diálogo entre os pesquisadores e professores foi profícuo em identificar esses conteúdos em todas as disciplinas e foram referidos os trabalhos doados para a Associação Quilombola Unidos do Rio Capim – AQURC. Ainda, foi exposta a ideia do Seminário do Projeto e se estendeu o convite para cada professor participar.

Na oportunidade a proposta era de realizar o dito Seminário em Belém e se debateram estratégias de transporte, hospedagem, inclusive, referindo-se as possibilidades de contar com o apoio da Prefeitura do município São Domingos do Capim, Aurora do Pará e Mãe do Rio.

## 5. TRANSCRIÇÃO DE FITAS E VÍDEOS.

Durante o tempo de execução do Projeto foram realizadas diversas entrevistas que estão em fase de transcrição e deverão ser inseridas no corpo dos textos tanto do álbum como da exposição. Citam-se entre elas: Dona América dos Santos, Dona Lourença Maria da Conceição, José Ruela, João Henrique, João Conceição da Silva Santos, Dona Aguida. Algumas narrativas sobre a territorialidade específica dos povos do Aroá, sobre as formas de existência social e práticas culturais terão destaque no Álbum e nos materiais para a exposição.

## 6. SELEÇÃO E PREPARAÇÃO DE FOTOS PARA MONTAGEM DE VÍDEO CLIPS.

O Projeto reuniu aproximadamente 1500 fotos<sup>2</sup> realizadas nas três etapas de campo: setembro 2012; março e maio de 2013. A classificação desse conjunto implicou uma série de debates sobre classificação por tema, assunto, local e ainda sobre as fotos a escolher para constar dos produtos já assinalados.

Algumas fotos foram devolvidas para os quilombolas como presentes. O conjunto comporá o álbum e a exposição e estas correspondem a temáticas diversas que estarão inseridas nos produtos citados.

Os fotógrafos foram os próprios pesquisadores: Eliana Ramos Ferreira, Irislane Pereira de Moraes, Ângelo Lima, Fernando Marques, Rosa Acevedo Marin e o jornalista Carlos Pará. Este último foi convidado a conhecer os quilombolas do rio Capim após termos dialogado sobre o trabalho no Álbum e na Exposição e acompanhou o trabalho de campo para a terceira etapa, em junho de 2013.

Na classificação das imagens destacaram-se três temas gerais:

- a) quilombolas do rio Capim;
- b) os antigos quilombolas
- c) patrimônio arqueológico do rio Capim.

O primeiro correspondeu em uma nova divisão aos sub-temas:

- a) Paisagem;
- b) festas e devoções,
- c) crianças,
- d) povoados do rio Capim, casas e objetos
- e) trabalho.

Com base nestes critérios foi feita a organização das fotos. Adianta que este trabalho sobre as fotos não foi previsto no projeto. A atenção que está sendo dispensada deve-se a vários motivos. Primeiro, o interesse dos quilombolas pelas fotos. Segundo, o sentido de devolução de imagens para o grupo, sem restrições e com qualidade estética. Terceiro, a relevância histórica e afetiva das fotografias. Os registros de vídeo respondem pelas mesmas justificativas.

Ao longo da pesquisa foram entregues fotografias na forma de presente individual e em atenção às relações sociais de pesquisa com algumas pessoas. A ideia de montagem de slide vídeo denota a relação com o coletivo.

---

<sup>2</sup> O total indicado é produto da subtração de imagens sem resolução ou sem qualidade seja por cortes, falta de foco.

No dia 16 de junho o Senhor Miguel recebe da pesquisadora Eliana Ramos a fotografia dele junto com sua mãe, que tinha sido feita em março de 2013. Esta fotografia emoldurada lhe foi entregue publicamente.



#### **7. SISTEMATIZAÇÃO DE DOCUMENTOS DIVERSOS PARA ELABORAÇÃO DO ÁLBUM, E DA EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA E DE TRÊS VÍDEOS- CLIPS.**

No período seguinte ao trabalho de campo de junho de 2013 se continuou o estudo dos produtos e de sistematização de documentos para sua documentação, aqui inserindo os mapas, as fotos, os documentos históricos. Esses diversos documentos estarão permitindo montar a exposição fotografia, três vídeo –clip com os temas gerais: quilombolas do Aproaga: os antigos quilombolas e Patrimônio arqueologia do rio Capim.

A propósito do Álbum reitera-se a proposta já feita e que foi objeto de várias reuniões de trabalho com o jornalista Carlos Pará. Destacamos que foi feita uma proposta financeira apresentada em junho à FADESP que reúne conteúdo e qualidade estética dessa produção.

Esse trabalho exige uma negociação sobre prazos de entrega, execução e pagamentos de diagramador, designer e serviços gráficos. O álbum com o título Povos Tradicionais do Capim: cultura e territorialidades deverá constar entre 110 a 120 páginas coloridas e com tiragem de 500 exemplares.

#### **8. ORGANIZAÇÃO DO SEMINÁRIO LOCAL.**

O projeto de pesquisa “Diagnóstica do Engenho Aproaga e seu Entorno a ser realizado em Parceria com as Comunidades Locais” teve a proposta de realizar um Seminário final de exposição e debate dos seus resultados, a ser divulgado com as comunidades, com os professores e estudantes. No início a atividade esteve proposta para Belém e com este perfil foi divulgado em junho de 2013, notadamente entre os professores que manifestaram grande interesse. Em relação aos quilombolas foi sugerida identificação por comunidade. A proposição era mais abrangente prevendo a participação de quilombolas do Pará (municípios de Cachoeira do Arari, Salvaterra, Moju, Concórdia do Pará, Bujaru, Colares) que possuem um patrimônio arqueológico sobre o qual eles realizam uma politização e reivindicam políticas culturais.

No mês de julho foi realizado um levantamento preliminar de custos do Seminário que se elevavam a mais de R\$ 7.500,00 - em parte devido ao período assinalado, a primeira quinzena de outubro no qual os preços de hotéis se elevam pelas demandas da festa da padroeira Nossa Senhora de Nazaré. O seminário a realizar-se em dois dias exigia custo de hospedagem.

O estudo financeiro nos leva a considerar mais viável um Seminário local, com incidência e repercussão em nível dos municípios, especialmente, São Domingos do Capim e com custo menor de transporte, alimentação. Este seria mínimo em termos de hospedagem e transporte rodoviário para os pesquisadores, convidados e contando com a presença de técnicos do IPHAN.

Com base nesse segundo plano confirmamos neste relatório a proposição do Seminário com divulgação da Exposição e lançamento do Álbum. Este não é incompatível com uma cerimônia de conclusão do projeto na sede do IPHAN em um padrão menos oneroso.

**9. REDAÇÃO DO ARTIGO INTITULADO** *QUILOMBOLAS DO APROAGA, VALE DO RIO CAPIM: TERRITÓRIO COMO EIXO DE IDENTIDADE COLETIVA E PATRIMONIALIZAÇÃO CULTURAL* (13 páginas) DE AUTORIA DE ROSA ELIZABETH ACEVEDO MARIN, ELIANA RAMOS FERREIRA, FERNANDO MARQUES, IRISLANE PEREIRA DE MORAES, ÂNGELO PESSOA LIMA, MANOEL CLAUDERIO COUTINHO DA LUZ A SER PUBLICADA EM COLETÂNEA ORGANIZADO POR ALFREDO WAGNER BERNO DE ALMEIDA E SHEILLA DOURADO ( PNCSA )

A solicitação dos organizadores da coletânea "Identidades coletivas, territórios e Patrimonialização da cultura, os pesquisadores Alfredo Wagner Berno de Almeida e Sheilla Dourado foi elaborado um artigo assinado pelos pesquisadores deste Projeto e que se encontra em fase de impressão. O artigo interpreta o processo de patrimonialização do engenho do Aproaga destacando a política identitária dos quilombolas do Aproaga

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

No período de junho até agosto de 2013 foi mantido o ritmo de pesquisa, embora as atividades centrais como a reflexão e trabalho sobre os conteúdos do Álbum e da Exposição tenham sido parcialmente desativadas, tanto pela dificuldade para definir um cronograma de desembolso financeiro, fundamental à contratação dos serviços como pelos envolvimento dos pesquisadores em cursos – exemplo do PARFOR, do Curso da Faculdade de Etnodesenvolvimento em Altamira, viagens para apresentação de trabalhos no exterior, conclusão de dissertação de mestrado e atividades gerais de pesquisadores e professores, como é o perfil da equipe.

Nesse intervalo houve uma sistematização da documentação como foi exposto o que facilita avançar no tocante à elaboração de vídeo slides, de transcrição de fitas e de examinar sua utilização para os produtos finais aqui mencionados.

Essa programação e sua aceleração dependerão da resposta à solicitação de adiamento para outubro de 2013 feita junto ao IPHAN/FADESP.

Os pesquisadores e as comunidades estão na expectativa de concluir, com sucesso, este projeto de pesquisa, de interesse dentro da política cultural comunitária e das instituições envolvidas, isto é o IPHAN e a Universidade Federal do Pará.

## **ANEXOS**

1. ARTIGO
2. ENTREVISTAS

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA - SENHORA LOURENÇA

**Observação:** Trechos grifados em amarelo são partes mais ou menos compreendidas, as palavras em vermelho são as de difícil compreensão.

**ENTREVISTA COM DONA LOURENÇA**

**Eliana:** Entrevista com a Senhora, com a Dona Lourença na residência dela, no dia 15, por volta das sete e meia. Vamos ver se vamos ser atendidos. Pausa.

**Rosa:** Dona Lourença, nós queríamos falar um pouquinho com você sobre o Engenho do Aproaga. Você conheceu?

**Dona Lourença:** Eu conheci Aproaga? Eu fui nascida e criada lá.

**Rosa:** Aha.

**Dona Lourença:** Eu fui nascida e criada lá.

**Rosa:** Que ano você nasceu?

**Dona Lourença:** (Pausa) Marilene?! Marilene?! (Pausa) Peraí que eu vou buscar o...

**Rosa (e outras pessoas falam ao mesmo tempo):** Não, não fica aí. Fica aí que eu vou buscar. Depois a senhora pergunta.

**Dona Lourença:** Pede lá pra aquela moça chata. Espia dentro daquela sacola. Eu nasci no mês de agosto.

**Rosa:** Agosto? De que dia?

**Dona Lourença:** Ah agora fica...

**Eliana:** Ilhh isso é difícil. (Risadas)

**Rosa:** Eu também nasci no mês de agosto.

**Dona Lourença:** É?!

**Rosa:** Agora é, assim nós queremos um pouco lembrar como era o Aproaga.

**Dona Lourença:** Como era?

**Rosa:** Aha. Qual é a sua lembrança se você fecha os olhos e lembra da infância; entra na porta do Aproaga. Que lugar você preferia?

**Dona Lourença:** Aproaga, que quando eu me entendi quem morava lá era Doutor Pinheiro com a Dona Lala. Olha depois ele saiu. Oh já teve uns desastres lá que já tinha o Aproaga que o Dias matou a mulher dele que era irmã de Dona Lala. Tanto que ele ficou assim. Ele botou tomou para tomar de conta; eles ficaram para tomar de conta, dona Lala e Dias. E o Dias parou logo... e depois a Basília, o nome dela que era a mulher dele.

**Eliana:** Olha, Dona Lourença nasceu no dia nove de agosto de mil novecentos e vinte e um, em São Domingos do Capim.

**Rosa:** E o pai como se chamava?

**Eliana:** Não tem pai. Só a filiação é Raimunda Maria da Conceição.

**Dona Lourença:** É meu pai era Leandro Nunes Pereira.

**Eliana:** Leandro Nunes Pereira. Posso tirar uma foto?

**Carlos Pará:** Em mil novecentos e vinte e um são 80, 90 anos?!

**Dona Lourença:** Que já comi farinha! (Risadas)

**Manoel Clauderi:** Ahh é verdade!

**Eliana:** Eu adorei essa!

**Dona Lourença:** Que eu já comi uns não sei quantos quilos de farinha! .....

**Rosa:** E o seu pai nasceu onde?

**Dona Lourença:** O meu pai? Ele era de Belém e se juntou com a mamãe, né. ....

**Rosa:** E a sua mãe de onde é?

Dona Lourença: A minha mãe é o do Aproaga mesmo. Era criada e nascida aí. O nome da mãe dela era Raimunda Supriana Maria da Concieção, o nome de minha m..., da minha avó.

Rosa: Ahhh...Bom vamos lá! E essa lembrança do Aproaga, qual era a sua lembrança mais forte do Aproaga?

Dona Lourença: Do Aproaga foi fico a Anibal e o Vieira, e depois que ele saiu pegou aquele marido da...Agora eu esqueci o nome dele! Sempre ia na festa na Ponta. Era o nome do marido da Lindalva.

Rosa: E você lembra do comércio?

Dona Lourença: Do começo?

Rosa: Comércio.

Eliana: Do comércio!

Rosa: Da mercearia.

Dona Lourença: Ahhh tinha, tinha umas venda.....Tinha umas vendas, tinha o gado.....

Rosa: E quantos quartos tinha o Aproaga?

Dona Lourença: Como?

Rosa: Quartos! Quartos para dormir.

Uma mulher jovem fala: Quartos!

Dona Lourença: Quartos?!

A mesma mulher concorda: Aha.

Dona Lourença: Olhe, era quatro salas, três quartos em uma sala grande e saía do topo de uma escada como de alguém que saía assim. Agora de lá pra cá tinha um quartinho. Era grande o Aproaga. .... Mas hoje em dia o cara vai acabar tudo.....

Rosa: E me conta, a cozinha, onde era a cozinha?

Dona Lourença: A cozinha?

Rosa: Aha, a cozinha.

Dona Lourença: A cozinha ficava bem na frente, como quem vem daqui a cozinha ficava ali. A gente entrava por aqui...

Rosa: Era alto ou baixo?

Dona Lourença: A cozinha era embaixo.....

Rosa: E o que colocavam debaixo da cozinha?

Dona Lourença: O que colocavam?

Rosa: Aha. O que tinha debaixo da cozinha?

Dona Lourença: Ah não, era só umas era o asoalho.....

Rosa: E a gente queria saber que móveis tinha lá dentro? Que tipo de móveis?

Dona Lourença: Mora?

Rosa: Móveis, móveis. Cadeira, mesa...

Dona Lourença: Tinha móveis. Tinha aquelas mesas que desemenda. Tirava o topo dessa aqui, tirava aqui, levava pra ali, tirava a outra dali. Eram quatro.

Rosa: E onde a Senhora dormia?

Dona Lourença: Aonde eu dormia? Eu dormia lá na minha casa. Na casa grande eu dormi, passei quase um mês quando o Luciano adoeceu que o João Bahia, o João Bahia me chamou para pra lá, porque adoeceu e ninguém tinha pra cuidar dele, foi que eu cuidei dele, não, e ele queria que eu fosse esses dias pra lá e dáa os medicamento. E depois eu passei pra cá, pra Santana, pra ver a melhora dele, né, tomando injeção, uma silaba, sempre nailharga do João Setúbal, uma casa que tinha praí. Aí depois fui me embora, lá pro meu barraco.

Rosa: E onde era seu barraco?

Dona Lourença: Era lá na ponta da Campina, do lado de baixo.

Rosa: E quem mais morava lá, trabalhava lá?

Dona Lourença: Quem mais morava? Olha, morava o finado Tito Veríssimo, queridíssimo marido da velha Zulmira. Agora tinha a velha Costantina, a mãe do Libério, que era cunhada da finada minha mãe, mulher do meu tio João Lourenço. Tinha a velha Miguelina que era bisavó desse que saiu daqui com aquelas frutas. Era mãe do Euzébio, do Crispino, Antonio, Conceição, eles todos moravam lá na Aproaga.

Rosa E a sua mãe trabalhou em quê no Aproaga?

Dona Lourença: Ela trabalhava assim quando chamavam ela pra ir lavar um roupa, era que ela ia, mas o serviço dela, mesmo, era pra colônia, a roça.

Rosa: E as pessoas que moravam lá, assim esses que você mencionou agora, o Tito, eles faziam o quê, qual era o trabalho deles?

Dona Lourença: Eles eram escravo dos antigos.

Rosa: Eram escravos ou eram filhos dos que nasceram?

Dona Lourença: Eram escravos porque, olha o doutor Pedro Miranda que era dono do Aproaga. Ele queria fazer um canavial, mas queria botar o pasto. Quando ele agarrou tirou o Santo,... mandava rezar. Deu o canavial dele, pra eles fazerem a igreja do Divino Espirito Santo pra deixar o gado lá pra ele, e deu o Espirito Santo pro finado Tito, pro finado Babulhano e finado Rufino. O velho Gil que era dono do Santo que o doutor Pedro Miranda deu pra ele, pros escravos dele. Agora, já depois, os filhos foram indo, os velho se acabando até o Santo levaram da capela, que eu não sei pra onde esse santo foi.

Rosa: E você conheceu Pedro, Pedro Miranda?

Dona Lourença: Não, eu não conheci, já falo porque minha mãe, os outros antigos falavam, eu já só conheci o doutor Pinheiro, o Anibal

Rosa: Que comprou do Pedro Miranda.

Dona Lourença: O quê?

Rosa repete a pergunta

Dona Lourença: O doutor Pedro Miranda deu o Divino Espirito Santo pros empregados dele.

Rosa: E a Santa que tem a dona América, foi também do Pedro Miranda!?

Dona Lourença: A Santa?

Rosa: A santa que tem a dona América, que ele trouxe de Portugal não foi? Uma santa se lembra

Dona Lourença: hum, hum,

Rosa: Voce lembra?

Dona Lourença: Santa não, Eu sei do Divino Espirito Santo. Esse da Conceição foi que eles trocaram, já depois de já terem feito a capela eles trocaram mais uma santa, a Nossa Senhora da Conceição. Eu acho que ela ainda está lá no ... ,agora o Divino Espirito Santo foi que eles levaram daí.

Rosa: E tinha festas de Santo?

Dona Lourença: Tinha uma irmandade lá. Era.

Rosa: E como funcionava, como era essa irmandade?

Dona Lourença: Era assim da novena. Uma comparação: hoje era a minha, mandava rezar. Amanhã é a sua, você mandava rezar contanto que era nove noite de novena! Todo mundo comia, bebia, vestia. E aquele que gostava de dançar, dançava, que eu tinha até a hora da comida eu perdia pra eu não perder uma parte!

Rosa: E quem formava, quem entrava na irmandade?

Dona Lourença: Olhe, quem rezava era o finado Justo e finado Duquinha pra pagar o leilão. Aquele, Manoel Pantoja, também. Mas aquilo nesse tempo era uma coisa tão bom! Que todo mundo gostava e apreciava de ver certas paradas. E hoje em dia é um barulho! Nunca mais, já tô nessa idade e nunca mais soube de ajuntamento de festa.

Rosa: E você gostava de dançar?

Dona Lourença: Ah minha senhora!! Olhe, quando era de tarde meu irmão dizia: ‘Danada o que tu faz?’ Eu dizia, ‘Olha tu vai amassar o açaí ou tu vai passar roupa? Ele dizia ‘Não, eu vou passar roupa, não vou amassar açaí pra ficar com minha mão roxa’. Olhe eu pulava pro alguidar, ia amassar o açaí. Se tivesse de fritar peixe, eu fritava, nós comia e se embalava. Quando chegava lá diziam: ‘oh, mas tu bebeu açaí, por que tu não trouxe? E eu digo, ‘ainda ficou em casa, ainda tem um bocado pela panela.

Rosa: E até que ano, quando você ficou lá, teve filhos lá?

Dona Lourença: Se eu me criei lá?

Rosa: Aham, teve filho também lá?

Dona Lourença: Oito filhos.

Rosa: Mas nasceram lá no Aproaga?

Dona Lourença: Nasceram, tudo lá no Aproaga.

Rosa: A sua casa ficava detrás do Aproaga?

Dona Lourença: Não, ficava assim: a casa grande era essa aqui, a minha ficava pro lado daqui de baixo.

Rosa: Perto do igarapé?

Dona Lourença: Não, só na beira do rio.

Rosa: Do proprio Capim.

Dona Lourença: Hum, hum

Rosa: E voce conheceu o senhor Virgino?

Dona Lourença: Nós tivemos juntos. A mãe dele era prima da finada minha mãe. Tinha vez que ela ia semanas. Até que teve um tempo que ela ficou com a cabeça zoadada, não dormia! A mamãe disse ‘primo - era irmão do Vergilio, ele, então trabalhava assim com o negocio de uma vendinha- me dá essa prima pra ir pra casa’. Ele disse ‘minha tia Raimunda você quer levar a mamãe, leve, olhe que eu já lutei, tudo o que já fiz ainda não deu certo.’ Olha, uma bobagem de nada! Por isso que eu digo que tem muita gente que tá com o remédio dentro de casa e não sabe a significância dele, né. Pois ela chegou lá, tirou umas folhas de capim marinho, juntou um bocado de oriza, socou e botou no sol. Quando foi à boca da noite ela disse, ‘olha - porque elas gostavam de brincar, elas duas, chamavam nome uma pra outra – vai logo lavar a cabeça pra ti dormir’. Olha, ela lavava a cabeça, amarrava não demorava, já tava embrulhada. Com três dias, a mamãe conversava e a velha roncando! Dormia que era uma beleza! Passou um mês na casa da mamãe, a mamãe tratando dela.

Rosa: E melhorou?

Dona Lourença: Melhorou, ficou boa!

Rosa: E quem fazia parto das mulheres, lá?

Eliana Ramos: A parteira. Tinha alguma parteira, lá?

Dona Lourença: Tinha, era a velha Constantina e aquela Delfina aí pra baixo, e eu também peguei uns quantos, mas hoje em dia ninguém empurra comigo porque eu já não pego nem a panela pra botar no fogo..

Rosa: Quantos você pegou?

Dona Lourença: Quantos eu peguei? Olha não tenho, vou lhe dizer de verdade. Olhe, eu peguei três da Francisca, minha sobrinha, peguei um da comadre Luíza. Pra ali, da comadre Caxias peguei dois. Peguei um da Emilia e uma da Luiza e dois da minha neta, da Marilene.

Rosa: Os últimos

Dona Lourença: Da Maria Lucia eu peguei um casal, uma é esta e o outro é o memnino que tá pra ali, já tem filho. Da Emilia, do....já me esqueci...era irmão do Finoca...um da Raimunda que mora ali na...

Manoel: Olhando assim, a senhora reconhece esse desenho?

Dona Lourença: Minha vista não dá (ela explica que fica mais na cama, que “tem um problema sério na vista”)

Rosa: agora, dona Lourença, se a gente dá um papel pra você, consegue desenhar o Aproaga?

Fernando: Como era a divisão dentro da casa, a senhora chegava, entrava pela porta da mercearia, do comercio...

Dona Lourença: Era, o comercio ficava na frente, a gente passava por aqui, o comercio ficava pra cá, do lado. Mas tinha essa porta que vinha pra cá pro comercio, agora essa aqui passava direto pra casa grande. Subia na escada...

Fernando: A senhora chegava no comercio, era um salão grande?

Dona Lourença: Era.

Alguem tenta fazer a descrição das portas, etc

Dona Lourença: É já derrubaram, esbandalharam. Era o negocio do depósito, embaixo era o deposito. Na frente tinha o comercio, agora de lado tinha que subir lá pra cima.

Fernando: tinha alguma divisão?

Dona Lourença: Tinha. Agora tinha o deposito de botar farinha, arroz, lá pra trás, castanha...

Fernando: Ficava embaixo da cozinha?

Dona Lourença: Não, a cozinha ficava aqui assim. Esse deposito era do lado dali detrás. A cozinha era em cima. Lá tinha o forno de assar comida.

Eliana Ramos: Era em cima porque lá ficava os dormitórios e embaixo ficava o comercio

Dona Lourença: Era! A cozinha era encima

A seguir ela concorda com a descrição do homem que faz as perguntas sobre os compartimentos da casa.

Rosa: E o corredor, como era?

Dona Lourença: O corredor tambem era grande. Numa ponta da casa, a outra! Bem de frente tinha uma sapotilha.

Rosa: E você não tinha medo?

Dona Lourença: De que?

Rosa: de entrar lá.

Dona Lourença: Hum, eu trabalhava uma semana, duas, lá eu já ia me dispensando do serviço pra ir pra minha roça.

Rosa: E como eles pagavam pra voce?

Dona Lourença: Eles pagavam? Eles me davam um dinheiro, me davam um café, um açúcar, um sabão, um querosene, porque nós era vizinho chegado e eu não ia puxar o cabelo da cabeça deles. Aí eles faziam o que eles podiam.

Rosa: Voce ouviu falar se tinha visagem lá?

Dona Lourença: Olha, depois que a mulher do Dias, que o Dias matou a mulher que ficou essa visagem, dizem, dizem

Rosa: E qual era a visagem?

Dona Lourença: Eu não sei, dizem que era um barulho pra dentro daquele quarto. Porque da onde ela saiu que veio, foi espirrando pela parede. Ele botou ela na cama e quando o dia clareou ele pulou na canoa, foi buscar o Domingo Barrão, pra vir carregar uma mala com ele pra botar pra fora. Ele enganou, porque se ele dissesse que matou a mulher, ele não vinha, que ficava com medo. Olhe, que quando eles entraram que abriram a porta do quarto que ele viu a mulher! Ele disse: não pode vai me acompanhar até a Santana. Aí levaram ele. Em Santana ele veio se apresentar, se entregar pra policia

porque tinha matado ela. Foi dona Mariana, minha madrinha Izabel, nesse dia, a finada minha mãe que veio lavar ela e ela tava no mês de ter criança!

Rosa: E por que ele matou ela?

Dona Lourença: Ele matou por besteira! Porque muitas vezes a pessoa é quem não sabe é como quem não vê. Ela lá em cima e vai o João Setubal e o Benedito Barroso quer era marido da Serafina e disse, ‘ó Abundancio, Abundancio!’ Ela disse, ‘ele não está’. ‘Ah pra ele jogar o martelo de lá pra cá’. Pois ela agarrou, tirou o martelo e jogou no rumo da sepotilha, onde ele estava lá. Ele pegou o martelo e foi embora. Que quando ele veio, ‘quem era que tava falando aí?’ Ela disse que era o João Setúbal. Ah, aí foi em cima, foi embaixo, foi a causa dele matar a mulher. Ciúme!

Rosa e Eliana perguntam como era a visagem dela.

Dona Lourença: Diz que faz, fazia **porque o sangue não está mais na casa**. Quando eu via aquele sangue eu lavava, lavava e não soltou da parede.

Rosa: Dona Lourença e como era sua roça?

Dona Lourença: Ah! Minha roça eu fazia coivara. Olhe, eu roçava com minha irmãe, meu irmão. Quando era o tempo do derrubo ele ia convidar. Chegava um, dois três. ‘É, danada para o ano não vou fazer roça’. Eu dizia, ‘eu vou fazer’. Quando chegava no outro ano eu catava por ali. Ia convidar do Ipixuna até no Acampamento. Se eu convidasse dez, chegava doze, treze. As vezes, antes do meio dia, eles acabavam porque eu não queria grande, meus filhos ainda estavam miúdos. Mas graças a Deus, nunca tive mandioca no cerrado, e dava! Agora não, agora eu como pimentão porque eu já não dou conta. Eu compro.

Rosa: E você era convidada por outros depois?

Dona Lourença: Eu tinha essa certeza, essa garantia, sabe por que? Porque os maridos vinham me convidar, me pedir pra pegar os filhos das mulher quando estavam na hora, né. E eu ia. E quando chegava numa ocasião dessa dizia, ‘eu vou lá porque ela faz o serviço pra nós. Oito dias! Era oito dias de cada mulher que eu pegava, era oito dias tratando, né. E por isso eu já tinha essa, esse xamem... porque eles já tinham pena de mim e vinham derrubar minha roça.

Rosa: E a senhora benzia a criança?

Dona Lourença: Eu benzia, mas agora a cabeça não acerta. Se eu digo uma palavra, já esqueci doutra...

E Ramos: As crianças tinham muito quebranto?

Dona Lourença: Dava, as vezes. Eu dizia quando eu não queria benzer, ‘olha pega esse pilão bota ali, tira uma folinha de mucura-caá **bicabi** e mais três pimentinhas malagueta daquela veredita- não tá queimoso –, bota ali no sol, quando é meio dia dá banho nele e vira o pilão pra baixo. Mas hoje em dia, Ah, a criança está **desviada**, vai pro hospital, mas dá uma dor e vai ter o filho no hospital. Eu, graças a Deus tive mês filhos todos em casa.

Rosa: Agora, uma outra coisa, que é o contrario do nascimento da criança, quando uma pessoa morria, como era a cerimonia? Que faziam?

Dona Lourença: Olha das minhas vez que eu peguei: nunca.

Manoel Clauderi diz: Quando uma pessoa morria tinha Lourença como era o funeral?

Dona Lourença: Era oito dias, nove, se ajuntava aquela porção de gente! Quando tava doente, todo o dia a casa era cheia de gente, iam fazer visita, fazer quarto. Depois que morria, as vezes fazia até mês e ainda tinha gente que dormia na casa dele, do que morria.

Manoel Clauderi: E tinha alguma reza especial, chegou a ver alguma coisa nesse sentido?

Dona Lourença: Cheguei. Olha o finado Castilho era muito bom pra rezar, o finado do Papagaio, o compadre Esperidião, tudo isso rezava! Agora eu já acho diferente até as ladainhas dos santos jé tudo, porque já não tá uma coisa.... Se ajuntava a comadre Luiza, a comadre Zuleide, a comadre Florispes, a **Vitalina**, a comadre Zulita. Aquilo era uma gritaria dentro da igreja! O finado Rufino principiava e nós pegava. Quando era na hora da reza a **mãe Dica** começava logo, ‘dona ...,’ e se enchia! Era tudo mundo rezando com ela a ladainha! Hoje em dia até pra mim falar minha voz tá rouca, imagine pra cantar uma ladainha!

Rosa: E o padre, quando vinha pra cá?

Dona Lourença: Ah, era uma beleza! Hoje em dia já vem de noite, à modo que está correndo da policia... (ela continua) Saía o finado Raimundo, o Liberio, iam buscar em São Domingo, o padre. Quando chegavam no bico da Ponta, começavam a soltar foguete até! O compadre ... dizia ‘mas disque credo, se alegraram, ainda se fosse o santo!’- ‘Compadre, você cale a boca, você não sabe do que tá falando! Agora...! Sábado da Aleluia era aleluia em todo canto que saía. Este ano eu não vi u foguete, uma pistola!

Rosa: Eu vim aqui numa Semana Santa o senhor Virginio estava vivo e eu vi os filhos vinham pedir a benção, os filhos não, os afiliados como se chamava isso? O dia do Perdão, não?

Dona Lourença: Vinha pedir Perdão, era, o dia do Perdão. Hoje em dia um passa pra ali outro, passa pra acolá, nem olha! Eu rasgava chuva e ia bater no centro. A finada Cândida e a finada Zulmira que era minha mae de leite. Eu tinha que varar chuva dia de sexta feira e ia bater lá, ia pedir perdão. Agora não tem nada disso, difícil ver algum filho que ainda toma a bençã.

Rosa: E a escola, você foi na escola?

Dona Lourença: Não, nunca. Tinha a escola da finada Baronesa, Otilia e a mulher do Antonio Souza, me esqueci o nome dela, a Alicia. Depois que essas morreram veio a Luci, era a mulher do Raimundo Almeida. Mas agora minha senhora, todo o canto tem professora.

Rosa: Quantos irmãos você teve?

Dona Lourença: Olhe minha senhora, hoje em dia eu não tenho pai, não tenho mãe, não tenho padrinho, não tenho madrinha. Deus e a nossa Senhora e a virgem Maria na minha companhia. Da minha família não tem mais ninguém só eu e agora os meus filhos.

Rosa: Quantos netos você tem?

Dona Lourença: Da parte da Maria tem quatro: duas filhas e dois filhos. Da parte do Ezídio tem dois. Do Guilherme tem uma filha. João, uma filha, do Vergilio uma.... Já tenho bisneto. Catarina já está de filho, já nem conheço se chegar na minhailharga. Quantos anos! Ja nem conheço

Rosa: Uma pergunta dona Lourença voce conheceu Quiandeua?

Dona Lourença: Huuum minha senhora, farriava lá até!

Rosa: Quem você conheceu de Quiandeua, quem era seu amigo lá?

Rosa: Voce conheceu Sr. Rocardo

Rosa: quem era sua amiga lá?

Dona Lourença: Era aquela **Divana**, aquela **Dorvalina**. Eu pra lá pra festa, mas não tava perguntando qual era o **palavreiro**. O marido pulava na canoa, vinha embora. Quando ia no Quiandeua, quando era no **Joirá**, acima do Quiandeua, eu morava no ... Pra vim tudo bem, agora na subida!

Rosa: Quantos dias pra chegar lá?

Dona Lourença: Quantos dias, não. Era que a gente saía meio dia tratado, quando era cinco e meia a gente ia chegando lá, remando! Ia para festa.

Rosa: E voltava a que horas?.

Dona Lourença: De manhã. Porque de noite a gente tinha medo da cobra engolir.

Rosa: A cobra? no rio?

Dona Lourença: Hum, minha senhora. No rio! Olha, quando fui levar a (nesse ponto a voz fica inaudível), quando chegou na boca da Marciana, um igarapé que tem aí. O ... disse 'mamãe é uma anta'. Aí meu coração começou a bater. Eu digo, 'vamos encostar aqui pra nós atravessar esse bicho'. Olhe pois depois ela botava os toras, depois ela levantou a cabeça e olhe! Ah, mas me dava uma vontade de tudo, dava medo. Era a cobra! Me dava uma vontade de tudo. Era uma cobra,

Fernando: Eu estou curioso pra saber do tempo do engenho. A senhora sabe uma peça de ferro assim, atravessando uma calha, um igarapé, não sei. Parece que era um pedaço de uma roda. A senhora chegou a ver aquela roda?

Dona Lourença: Olha, tinha parece aqueles gomos, de lá meu filho caiu. Eu vinha com paneiro de farinha e ele vinha com uma cuia e escapuliu. Eu corri e fui pegar ele lá do lado de baixo da maré, que aquilo quando virava era barulho de agua.

Fernando: Pois é, mas a senhora viu isso, a roda estava interia?

Dona Lourença: Tava, mas já tinham tirado aqueles bocado de ferro que tinha aqueles... eu vi lá

Fernando: Isso era pra quê, pra moer cana?

Dona Lourença: Era pra moer cana. Eu não cheguei a ver, não adianta lhe dizer que eu vi porque não vi. Porque é que esbandalharam aquele Aproaga.

Eliana Ramos: E era movido a agua não era?

Dona Lourença: Hum hum, e coitado de quem escapulisse por lá!

Fernando: O homem pede desculpas por fazer muitas perguntas)

Manoel Clauderi: Tem um lugar muito curioso pra gente que é o alçapão que tinha no fundo do Aproaga, a senhora lembra?

Dona Lourença: Eu nunca cheguei lá, eu via de longe aquela coisa grande!

Eliana Ramos: A senhora chegou ir até o Badajós?

Dona Lourença: Eu morava acima do Badajó. Eu morava em Pena Fiel e e o Badajós fica pra baixo.

Rosa: E como era Badajó porque agora nós passamos lá e está muito acabado...mas parece que era bonito

Dona Lourença: Era bonito, a Santa devota, era uma nossa Senhora Santana que tinha lá. Outro dia eu tava perguntando pra Joana ela disse, 'ah, minha mana levaram a santa, trouxeram pra Belém não sei pra donde'. Olha era uma santa linda! Você chegava lá na porta da igreja, você olhava pra ela, a modo que ela ia se virando. E a menina dela, maior do que essa daqui uma daqui, era grande assim, a Santana dela, era linda! Essa Senhora Santana, o pai do Chico Justo com o Cirilo e Roberto foram caçar no Santa Rosa, do lado daqui. E viram aquilo limpo, limpo, limpo, e uma pedra grande. Ficaram espiando e viram aquela santa sentada em cima da pedra. O velho disse 'olha minhas crianças, uma potrona que Deus nos deu', e disse, 'mas o que é papai?' Quando acaba era a santa! 'Ah, nós vamos levar'. Olhe, levaram, chegaram lá botaram numa casinha e ficaram o dia inteiro olhando. Quando chegou no outro dia foram cortar uns pau, fazer uma capelinha pra ela. Olha fizeram a capela e botaram a santa lá. No outro dia que eles foram espiar, cadê? Não estava, já estava ela lá em cima da pedra de novo! Foram chamar o padre, o padre foi benzer lá e veio benzer aí, pra ela se acomodar que ela se acomodou depois que eles fizeram uma igreja grande pra ela.

Rosa: Ah esa igreja que conhecemos, mas tá muita acabada. E você tinha amigos, familiares no Badajós?

Dona Lourença: Amigos? Tinha, morava a Raimunda do Erminio, o compadre Paixão e mais uns outros que tinha assim. Ah, aquilo que quando era tempo da iluminação você ia pro... tinha assim... Quando tinha tempo de inverno que cavavam a sepultura, tinha vez que quando a cheia dava, o caixão vinha. As vezes a suspeita assim. Era muito na beira d'água que puxaram mais pra lá, devem ter enterrado porque era todo aquela gente que vinha enterrar pra cá ou pro outro canto.

Rosa: Em Badajós tinha comercio?

Dona Lourença: Não só tinha marreteiro quando iam daí, que botavam aquela vendazinha quando tinha a festa de Nossa Senhora Santana de lá do Badajó ou Finado cada um arrumava o que tinha e ia embora. Não tinha gente que tinha comercio pra vender todo o tempo, não. Era muito marreteiro.

Rosa: E você pescou no Capim?

Dona Lourença: Se eu pesquei, pra puxar peixe? Muito, mas aqueles miuditos eu não trazia pra casa, soltei muito!

Rosa: Que peixe você pegava?

Dona Lourença: Era Acará, Aracu....

Rosa: Qual peixe você gostava mais?

Dona Lourença: Eu gostava do aracu, eu gostava do Acará. Mas melhor, pra mim, que eu achava tão bom, era a cabeça do Aracu que eu assava quando estava gordo...Tucunaré....

(Elia Ramos discorre sobre os segredos de saborear o Aracu assado com açaí)

Elia: Mas então vocês jogavam no rio os miúdos para terminar de crescer?

Dona Lourença: Era, era, porque era demais gito Agora pra mim comer peixe, só sem espinha, por causa da vista. Eu digo, olha é o tucunaré ou o surubim que é o peixe que não tem muita espinha.

Rosa: Podemos visitar você amanhã, vamos trazer um presentinho para você e falar com você a luz do dia?

Nesse ponto dona Lourença faz um longo discurso e apesar da insistência diz que não pode acompanhar a equipe porque a cabeça roda, as pernas já não tem firmeza, fala da velhice, mas essa parte é algo incompreensível)

Rosa: Agora uma pergunta: voce morou lá no Sauá, Taperinha?

Dona Lourença: Não nunca morei lá.

Rosa: Morou lá do lado engenho e pra cá e em Santana

Elia: Mas a senhora disse que morou acima do Badajós....

Dona Lourença: Era Penafiel, era a casa do finado **Gercino**.

Cleo: Tinha um nome assim de uma comunidade lá, como era o nome lá?

Dona Lourença: Era Penafiel mesmo, nesse tempo pra banda de lá ainda não tinha esse negocio de comunidade.

Elia Ramos: Me diga uma coisa dona Lourença, uma curiosidade de quem sofreu pra subir na Aproaga, na época tinha alguma rampa pra subir, pra ir pro casarão?

Dona Lourença: Tinha um pedaço de chão. Numa certa paragem pegava a ponte e a escada pra descer pra água. E de uma certa parada tinha a calçada feita pra dentro de casa.

Rosa: E você se lembra do poço, tinha um poço lá não é?

Dona Lourença: Não, tinha um igarapé...agora eles tiraam agua do rio e pra beber iam buscar lá no Pirajuara ou quando não tirava do frizo, botava no frizo pra gelar.

Rosa: E você conheceu o outro engenho, como se chama, Taperuçu?

Dona Lourença: Não, não cheguei a ir lá.

Eliana: Mas a senhora chegou a ver a casa desse engenho, **do Tapérucu**

Dona Lourença: Não senhora.

Rosa: E você chegou a conhecer esse lugar que chamam Carmo?

Dona Lourença: Carmo?

Eliana: O que o pessoal dizia o Engenho do Senhor Calixto

Dona Lourença: Não.

Fernando: A senhora conheceu o engenho chamado Santo Antonio de quem vai pra Badajó subindo daqui pra lá?

Dona Lourença: Nós passava lá quando ia pra cima

Eliana: Tirando o Aproaga, qual era o outro que a senhora sabia que existia, engenho?

Dona Lourença: Não, não adianta falar porque não vi, só vi o da Aproaga

Rosa: Agora, a assenhora conhece São Mateus?

Dona Lourença: Não.

Eliana Ramos diz que a senhora está cansada e decidem encerrar a entrevista.

## TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA - SENHOR ESTANDISLAU DA LUZ

**ENTREVISTA COM SENHOR ESTANDISLAU LOBO****Senhor Estandislau:**

A minha prima morou lá. Vigiano lá para o pessoal que era...e ela fazia todo esse...e quando chegava bem aqui era que tinha a cozinha. Aqui, essa cozinha, esse aqui era vago aqui esse corredor grande aqui que vinha até aqui para chegar nessa parte era vago, só o corrimão, entendeu? O corredor que era só corrimão. Aqueles corrimão, assim, com umas, uns sistema de umas venezianas, assim de madeira, nesse sentido assim.

**Fernando:** E não tinha janela de vidro para proteger da chuva?

**Senhor Estandislau:** Não. Era tudo vago para o lado do corredor. O corredor era grande, mas era grande mesmo.

**Fernando:** E era isso aqui, né?

**Senhor Estandislau:** É, exatamente o corredor lá.

**Fernando:** Então devia ter uns pilares de madeira para sustentar o telhado, o forro né. E embaixo tinha um corrimão com um para-peito.

**Senhor Estandislau:** É, era, tinha né. Era esteio, largo, grande. Esteio, esteio. O assoalho dela era naquela época que era de capu e pau amarelo desse corredor aqui, das salas, tudo. Era capu e pau amarelo. Só que era daquela época que o Preto não tinha serrote para serrar. Era lavrado, tirava à força, era tudo lavrado. Então saía aqui. Aqui era o comércio. Nesta parte bem aqui.

**Fernando:** Essa construções ainda tem hoje lá, viu! Esses cubículos, esses apartamentos, né.

**Senhor Estandislau:** É. Aqui que tinha um, um, um alçapão, como dizem que tinha, né, mas eu nunca cheguei a ver esse alçapão porque quando viajávamos para lá o Ávaro que era o último que conheci. Aí aqui funcionava a serralha, os índio já tinham morrido tudo, aqui era só serralha. Então essa parte aqui tinha um senhor de São Miguel do Gaumá. Ele tá velho até. Eu falei com ele no tempo de Salvador, Quilhas Novas.

**Uma mulher interrompe dizendo:** Ele mora lá em São Miguel do Gaumá.

**Senhor Estandislau:** Salvador, Quilhas Novas. Ele era um, um...

**Novamente a mulher interrompe e diz:** Fernando, ele tem lá um relógio de madeira que era daí. Ele era o primeiro que morou lá. Ele era o caxeiro.

**Senhor Estandislau:** Ele era o...o caxeiro de cá.

**A mulher continua:** Ele trabalhou 20 anos aí de caxeiro. Só que agora ele ta com uns noventa anos.

**Senhor Estandislau:** É uns noventa anos já.

**A mulher complementa:** Ele mora lá em São Miguel perto do café, da fábrica de café, do Café do Norte. Ele era funcionário do Café do Norte há muitos anos.

**Fernando:** Era de onde? Quilhas Novas, não é?

**Senhor Estandislau:** É Quilhas Novas.

**A mulher fala:** Ele tem fotos dela preto e branco ainda. Só que o filho dele tava na frente do casarão e levou um pedaço da foto fica só uns pedaços. Só uma parte dela.

**Fernando:** É a gente pode procurar aí.

**A mulher:** É o filho dele bateu uma foto na frente. E quando o filho dele foi embora para Manaus, ele queria se levar pequeninho, ele queria levar a imagem dele pequeno, aí...

**Fernando:** Aí ele não copiou tirou pedaço e levou, né.

A mulher continua: ...Aha. Aí Seu Salvador não queria dá a foto toda, pra não leva, por causa da foto da Aproaga. Ele tirou a parte que tava o filho. Deu pra ele e ficou o outro lado.

**Fernando:** É.

**Senhor Estandislau:** E é isso. Aqui essa parte é isso. O pé era aquela carambola.

**Fernando:** Carambola?!

**Senhor Estandislau:** Carambola! Bem aqui era o que tinha lá. Eu até quando eu era moleque tentei um dia ir lá “Mas que fruta tão bonita essa!”. Eu era molecote assim pequeno “Mas é tão bonito aquele monte lá. Mas eu quero experimentar.” Daí fui e cheguei a apanhar uma eu trouxe. Aí fui experimentar. Azeda que só... (Risadas)

Vozes ao fundo diziam: Só é bonita, né! Só é bonita!

**Senhor Estandislau:** Azeda que só... (Risadas)

**Fernando:** Me diga uma coisa aqui. Eu tenho uma dúvida aqui. A gente soube que o Senhor subia a escada, né, chegava no corredor ou então podia vim aqui pra frente. Não tinha uma sala grande em cima?

**Senhor Estandislau:** Podia! A sala era grande aqui. Aqui essa sala que era de...de...de fazer e arrumar, de reunir, de algumas festança. Era uma sala grande, e depois ela tinha, ela ocupava essa janela, três janelas.

**Fernando:** Que dava para o lado do casarão? Aqui era a frente do casarão?

**Senhor Estandislau:** Essa era tudo uma casa só.

**Fernando:** Mas eu digo aqui na frente. E esse salão pequeno?

**Senhor Estandislau:** Essa era uma sala pra cá, outra sala.

**Fernando:** A sala era dividida?

**Senhor Estandislau:** A sala era dividida aqui. Essa sala pra cá. Aqui! Aqui em cima ela tinha uns...Como é o nome daquele negócio de...? Não é balaustre?! Aquele negócio grande que fazem assim tudo.

**A mulher sugere:** Grade!

**Senhor Estandislau:** Não! É, é...

**A mulher sugere uma segunda vez:** Torneado!

**Senhor Estandislau:** Torneado! Como é, aquilo torneado tudo, mas era de cimento. Tudo bem feito. Ela tinha essa altura.

**Fernando:** E era aonde isso?

**Senhor Estandislau:** Lá em frente. Essa parte daqui era.

**Fernando:** Nas janelas aqui da frente?

**Senhor Estandislau:** Elas todinhas!

**Fernando:** Ela acabava onde?

**Senhor Estandislau:** Ela era dessa altura. Em cima dela tinha uma mármore.

**Fernando:** Ah sim!

**A mulher participa de novo:** E o parapeito.

**Senhor Estandislau:** Ahhh é, e o parapeito. Tinha um parapeito de mármore.

**Fernando:** Será era assim...Aqui esta as janelas de vista de frente, né?

**Senhor Estandislau:** É.

**Fernando:** Aí aqui tem o mármore. E aqui embaixo tinha os balaustres.

**Senhor Estandislau:** Os balaustres! Eram nesse sentido.

**Fernando:** Assim o negócio.

**Senhor Estandislau:** É assim, exatamente! E a janela daqui pra cima, entendeu?!

**Fernando:** E daqui pra cima janela, né?

**Senhor Estandislau:** É, exatamente!

**Fernando:** Era vidro? Tinha vidro ou era só veneziana?

**Senhor Estandislau:** Não eram umas janelas, elas eram aquelas janelas cheia de moldura.

**Fernando:** Eram almofada?

**Senhor Estandislau:** Almofadinha! Todinha bem fechada.

**Fernando:** Mas e não tinha vidraça?

**Senhor Estandislau:** Não, não tinha vidraça.

**Fernando:** E se chovesse? Se desse chuva, como era? Acendia a lamparina, né?

**Senhor Estandislau:** É. Ela só tinha essa proteção aqui em cima que clareava o sistema aqui ó. E parecia que era uma bandeira. Uma bandeira ó. Bem aqui!

**Fernando:** Uma bandeira, né?

**Senhor Estandislau:** É exatamente.

**Um homem fala:** Era um negócio aí em cima aí.

**Senhor Estandislau:** Exatamente.

**Fernando:** Então como era a visão aqui em cima o Senhor lembra? A divisão dessas salas?

**Senhor Estandislau:** Aqui era os quartos, entendeu?! Pra cá.

**Fernando:** Aqui tinham os quartos, mas as pessoas chegavam na escada. O Senhor chegava lá em cima na escada dobrava...

**Senhor Estandislau:** Eu dobrava logo aqui nesse salão se eu quisesse vim pra cá. E se eu quisesse vim pra cá, eu me vinha embora pra cá.

**Fernando:** Ta. Então encerrava por aqui o corredor da escada, não é?

**Senhor Estandislau:** Exatamente!

**Fernando:** Encerrou aqui. E aqui?! Aqui tinha alguma divisão aqui?

**Senhor Estandislau:** Não. Aqui era uma sala grande. Completa, tudinho. Fazia frente pra cá, que eu olhava tudinho. Ia ter divisão aqui depois dessa escada que tinha duas salas que eram quase de um tamanho só. Essas duas salas aqui.

**Fernando:** Hmm, ta. Mas lá embaixo a gente vê na foto que tem uma porta que é retangular, né, e tem outra mais larga que é colonial. A escada ficava na direção de qual? Dessa colonial ou da retangular?

**Senhor Estandislau:** Olhe, eu sei que ela ficava aqui perto dessa sala aqui, dessa sala que dividia...

**Fernando:** Então era nessa direção aqui.

**Senhor Estandislau:** Exatamente. É. Na entrada. Ela ficava na frente dessa entrada aqui que subia a escada alta, direto.

**Fernando:** Então vamos dizer que aqui tinha uma divisória. Refazendo o desenho. Bem aqui tinha uma divisória, né?! Aqui tinha a porta que levava para o corredor, e a escada era aqui.

**Senhor Estandislau:** Exatamente, a escada era aí.

**Fernando:** Aí o Senhor saia da escada vinha pra cá...

**Senhor Estandislau:** Vinha, tinha uma porta aqui e entrava pra essa parte pra cá.

**Fernando:** Ahh então tinha uma porta aqui? Ahh então devia ter uma outra divisória aqui!

**Senhor Estandislau:** Exatamente! Tinha uma divisória aí.

**Fernando:** E esse salão?! Ele era dividido em dois também?

**Senhor Estandislau:** Era em dois!

**Fernando:** Eram duas salas iguais?

**Um homem participa:** Essa parte era lá de cima, né?

**Senhor Estandislau:** É, lá de cima.

**O homem continua:** Pois é, essa aqui era limpo aqui. Saia da escada e não tinha divisória.

**Fernando:** Não tinha divisória?! Era um salão de festa?

**O homem fala:** Essa parte que a gente subia daqui ela não tinha divisão aqui. Essa tinha, mas essa aqui pra cima não tinha. Ah lá de cima. Eu subia a escada eu parava lá em cima, e ela era limpa aqui ó.

**Senhor Estandislau:** Era só um salão. Só sei que aqui era tudo dividido das partes dos quartos.

**O homem fala:** A parte de cima! Essa parte aqui não tinha. Ela era limpa. Eu subia daqui. Essa parte daqui é como se tivesse olhando de cima, né. Não tinha, não.

**Senhor Estandislau:** Daqui dessa escada aquele cara pulou. E justamente o medo. Ele pulou e quase morreu! (Risadas) Mas é!

**Fernando:** Deixa eu perguntar, tem uma coisa que a gente enxerga na foto que atrás dessa parte da frente do casarão, lá em cima, na parte de trás, tem tipo um prolongamento do telhado, tipo uma quebrada assim da varanda.

**Senhor Estandislau:** Era porque justamente tinha uma caixa d'água lá em cima que eles tocavam manual daquele poço que tinha lá embaixo. Manual mesmo, uma bomba que mandava pra lá. Lá em cima tinha uns sanitário, enfim pra cá, diante da cozinha.

**Fernando:** Mas era aqui?

**Senhor Estandislau:** Aqui, aqui, aqui nesse rumo aqui ó. Bem aqui assim.

**Um segundo homem participa:** Isso aqui representa o chaminé da Aproaga que era do lado da casa. Isso aqui era a casa, né? Aqui tinha um chaminé muito grande porque no tempo que...eu vou completar 61 anos eu conheço bem, tão igual a Estandislau, né?!

**Fernando:** Aha.

**O homem continua:** Isso aqui, aqui é a casa, e isso aqui é a chaminé. Aqui, os cara entravam por aqui ó. Pra dentro dele aqui subia numas escada e vinha bate o sino aqui em cima! Aqui o cara batia a tampa e ouvia em Taperosso.

**Fernando:** Comunicava com Taperosso.

**O homem confirma:** Comunicava com Taperosso. Quando tocava aqui tum, tum, lá em Taperosso ouvia também. Subia por aqui ó.

**Um terceiro homem fala:** A escada era por dentro?

**O homem que estava falando confirma:** Por dentro do tubo. Isso aqui era tudo cercado de pedra, e de tijolo, e de não sei o que era os outro material. Redondo. Era redondo, não era?!

**Senhor Estandislau:** Não era quadrado.

**Fernando:** Quadrado né.

**O homem continua:** Aí subia por aqui por dentro. Daí quando subia aqui em cima batia canto. Era isso aqui ó, a formatura dele era isso aqui.

**Senhor Estandislau:** Não, mas isso não era não. Isso era pra tocar o vapor de lá que funcionava lá. Isso aí era os dia que tava parado, é assim que me contaram! O cara subia por dentro pra soltar foguete lá e diziam pro outro que tava lá no Tacaratu. Pra responder lá, porque tudo isso aqui era canaviais.

**Fernando:** E o engenho devia ser grande, né?

**Senhor Estandislau:** É, é porque eram 12 irmão.

**Fernando:** Porque ainda tem um pedaço d'água ainda, né?

**Senhor Estandislau:** É, é. Eles fecharam o igarapé lá. A gente escuta assim, mas...

**Fernando:** Quando o Senhor saia aqui do corredor saia num salão grande lá em cima, no salão de festas, e no rumo do corredor do lado tinha os quarto.

**Senhor Estandislau:** Tinha os quartos.

**Fernando:** Do lado tinha a carambola que era o guarda-corpo que o Senhor falou aí...

**Senhor Estandislau:** É, mas era aqui mais embaixo.

**Fernando:** Sim, lá embaixo. Agora, aqui não nenhuma saleta, nenhuma varanda, não tinha mesa, nenhuma coisa assim?

**Senhor Estandislau:** Não, não tinha nada. A mesa era aqui nessa sala aqui. Nesse salão comprido que vinha pra cozinha. Aqui tava aquele negócio que você falou lá, aquele pilarzinho que justamente tinha uma declinada e aqui também tinha o sanitário. Lá de cima.

**Fernando:** Lá de cima.

**Senhor Estandislau:** Lá de cima. E aqui também tinha uma caixa d'água que eles batiam e vinha pra cá, para essa parte aqui. Eu acho que até deve ter um parente aqui de Ezébio. Ezébio. Tem parente aqui de quem Ezébio parente era? Parente, não era seu não? Ezébio cansei de vê. Eu ia lá com meu pai lá, às vezes compra. Ezébio era um preto lá que ficava de manhã batendo aquela lavanca pra toca água lá pra cima. Eu fui várias vezes olha pra ele. Era menino. Devia ter uns 10 anos, 8 anos. E sobe essa água pra lá. Ficava lá no poço batendo, perto daquela roda d'água. Não tem um ferro grande lá?

**Fernando:** Lá no eixo dela, né?

**Senhor Estandislau:** É o eixo dela. Era lá naquela direção lá que água ia lá pra cima.

**Fernando:** É impressionante a distância até lá, né. Se o Senhor voltasse lá hoje, o Senhor tinha condição de aponta isso era isso, onde funcionava isso. O Senhor lembra disso? Se chegasse no lugar lá.

**Senhor Estandislau:** É porque ta um bocado...

**Fernando:** Hoje a gente não vê mais nada! A gente mediu, a gente achou a base da parede da frente.

**Senhor Estandislau:** Da frente. Exatamente.

**Fernando:** Que hoje já não tem mais.

**Senhor Estandislau:** Essa aqui vocês não mediram, né?

**Fernando:** Não, a gente mediu tudo.

**Senhor Estandislau:** Mediu tudo.

**Fernando:** Mediu tudo. A gente limpou um pouco a parte da frente lá com a colher assim e enxergou o resto da parede que tava bem por aqui assim, né. Então a gente já até mais ou menos a casa ia. A parte da frente. Então as medidas a gente já tem mais ou menos o controle. Mas a divisão é que não dá pra fazer. Assim para fazer como era dividido o espaço, não dá pra saber porque é debaixo do aterro.

**Senhor Estandislau:** Perto daquelas coisa não tem aquela...aquele janelão?

**Fernando:** Tem, desse lado aqui tem as portas...

**Senhor Estandislau:** Tem quantas janelas?

**Fernando:** Tem uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, deve ter mais lá pra trás. Mas aqui tem umas janelas que tem um negócio assim, a porta e em cima tem um redondo.

**Senhor Estandislau:** É, exatamente. Tem.

**Fernando:** Aí a outra não tem, e a outra tem. Aí uma sim, uma não, uma sim, uma não. É um enfeito né.

**Uma mulher pergunta ao fundo** algo para Senhor Estandislau se lembrava algo da casa. E ele responde.

**Senhor Estandislau:** Não me lembro dela não. Porque ó, nós só tivemos acesso pra entrar pra lá. Na época de Ávaro ninguém tinha acesso lá.

**Várias pessoas falam juntas ao mesmo tempo sobre o assunto.**

**Fernando:** E aqui tinha alguma muretazinha que unia aqui pra trás, não?

**Senhor Estandislau:** Não. Aqui era tudo vago, só tinha uma cercazinha. Cerca de madeira mesmo que vinha por aqui e justamente por aqui era o pé que eu apanhava a carambola. (Risadas)

**Fernando:** A carambola.

**Um homem pergunta:** A cozinha era lá embaixo mesmo?

**Senhor Estandislau:** Não, a cozinha era aqui em cima.

**O mesmo homem sugere:** Eu acho que era melhor leva ele lá mesmo e assim olhando o mapa pra poder destrinchar melhor isso aí.

**Fernando:** Pois é, da outra vez que eu vim aqui a gente deixou um dever de casa, né, para as pessoas irem lembrando e irem anotando, né “Ah vão anotando o que vão lembrando.” Porque é preciso ter uma continuidade assim, e mais tempo também. Levar eles lá seria fundamental.

**Um homem concorda:** Com certeza!

**Senhor Estandislau:** E outra coisa, a gente olhando na foto dela seria importante a gente olha porque...

**Um homem interrompe e diz:** é uma muito ter a imagem na mão. (Risadas) Pega a foto e daí já ta vendo, né.

**Senhor Estandislau:** E tem uma direção de mais ou menos do que era, né.

**O homem continua:** Já fica na mente já.

Fernando: Eu tenho uma foto pequena, a gente vai ter que...Olha a roda d'água eu acho que era desse jeito aqui. Aqui eu acho que era a frente dele, e aqui é a foto mesmo.

**Senhor Estandislau:** Pois olhe, esse aqui era o chaminé. Esse aqui, nesse aqui que era o...Olha aqui essas janela...

**Fernando:** Essa é a porta.

**Senhor Estandislau:** Essa é a porta! Bem aqui! No pé dessa porta é que subia a escada. Pra cá era o comércio, entendeu? Daqui era fechada essa daqui e era fechado essa daqui. Era aberto só essa aqui e esse canto aqui. Essas três janela aqui ficavam pra cá, desse quarteirão daqui que é esse salão...

**Fernando:** De cima dividido.

**Senhor Estandislau:** Dividido, entendeu? E esse pra cá era para outra que era justamente o salão daqui. Agora nessa parte de lá é que justamente tinha, parece que tinha essas três janelas que ocupavam esse resto pra cá. E esse resto pra cá tinha mais três pro lado de lá. Você entendeu como é os balaustres?

**Um homem concorda:** Entendi. É de cimento é?

**Senhor Estandislau:** Era cimento, mas era tipo...

**O homem recorda:** Tipo torneado, né?

**Senhor Estandislau:** Tipo tornado. Aqui em cima que tinha aquelas pedra de mármore. E aí aqui ela vinha embora e o salão comprido que era só aquelas veneziana. Ta enxergando aqui ó?

**Fernando:** To, to enxergando.

**Senhor Estandislau:** Aqui ó era vago. Esse salão que era justamente o corredor...

**Fernando:** A minha dúvida é justamente isso aqui. Ta vendo esse pedaço aqui? Ta vendo esse pedaço? Ele ta encostado na casa.

**Senhor Estandislau:** É, mas era tudo dessa parte daqui. Dessa parte daqui, entendeu?

**Fernando:** Então era como se fosse um prolongamento. A parte de cima ta aqui olha. O azul é essa parte da frente, ta Seu Estandislau?

**Senhor Estandislau:** Eu sei.

**Fernando:** Essas duas janelas são essas duas bem aqui ó, uma, duas. Isso o que era? Era uma bem aqui?

**Senhor Estandislau:** É, justamente vinha daqui. Emendado daqui mesmo. Era um corredor. Era um corredor, entendeu? Saia e entrava pra cá.

**Um homem participa explicando:** Eu acho que isso aqui era só um sobrado, uma varanda pra ficar assim na parte da manhã.

**Senhor Estandislau:** Era só uma varanda, né?

**O homem concorda:** Era só uma varanda, né.

**Um outro homem fala:** Aqui era uma varanda que unia para o corredor. Em L, né.

**Senhor Estandislau:** E justamente é essa parte pra cá, essezinho aqui fica exatamente essa daqui. Desse corredor comprido aqui ó.

**Fernando:** Isso. Que tinha os pilares de madeira.

**Senhor Estandislau:** Agora aqui, ela tinha essas três janelas que ocupavam essa sala, esse salão daqui. Tinha mais três do lado aqui debaixo, e era treze janelas pra lá.

**Fernando:** Treze?

**Senhor Estandislau:** É treze! Cada quarto pra lá, tirando essas treze era uma janela.

**Fernando:** Seu Estandislau, me diga uma coisa aqui rapidinho. Eu to me atrapalhando. Essa porta aqui redondada, colonial aqui era ela que ficava na direção da escada?

**Senhor Estandislau:** É, essa daqui que ficava. É.

**Fernando:** Era isso?

**Senhor Estandislau:** É.

**Fernando:** Então ela vai dar na direção de uma escada que vai...

**Um homem participa:** Vai uma pra cá e duas pra cá.

**Senhor Estandislau:** É bem no meio.

**Fernando:** Essa escada dava direto no corredor ou ela dobrava depois?

**Senhor Estandislau:** Dava direto no corredor pra lá. Agora tinha as divisões, mas era tudo ao contrário.

**Um homem pergunta:** Esse corredor passava direto pra cá, junto com cordão da casa??

**Senhor Estandislau:** Passava porque ele dava acesso pra essas coisas porque tinha um passeio na frente dessa sala pra cá, entendeu?

**O homem participou outra vez:** Entrava aqui e já vinha pra cá.

**Senhor Estandislau:** É. Esse vinha pra essa sala e depois entrava pra cá pra essas salas.

**Fernando:** Eu vou fazer esse desenho rapidinho aqui. Olha só. Aqui tem a parte da frente e tem uma porta redonda aqui, tem as outras portas, tem as três portas do lado de lá, é isso?

**Senhor Estandislau:** Exatamente.

**Fernando:** E cada direção das portas de baixo tem uma janela em cima.

**Senhor Estandislau:** Tinha.

**Fernando:** Aqui assim né. E depois tinha o lado dele que o que o a gente tá vendo aqui é todo o lado dele.

**Senhor Estandislau:** É, é exatamente.

**Fernando:** No lado dele tinham duas janelas. Eram duas janelas? Não é?

**Senhor Estandislau:** É, é.

**Fernando:** Então isso aqui, tá vendo esse desenho aqui é uma cobertura. Ele tinha uma cobertura de manteiga, né, que aparece aqui, bem assim. Então isso aqui representa uma planta desse retângulo que eu mostrei aqui. É isso aqui.

**Senhor Estandislau:** Exatamente.

**Fernando:** É um retângulo aqui que quer dizer isso aqui. Aí olhando a foto aqui, a gente vê esse negócio bem aqui assim, que parece uma continuação da casa, uma coisa que foi colocada junto da casa, não é?

**Senhor Estandislau:** Não. Ele fundou aqui.

**Fernando:** Onde terminava o casarão? Era aqui ou era aqui?

**Senhor Estandislau:** Ele terminou aqui. Isso era bem junto, essa parte não tinha acesso pra cá. Pra lá era o mesmo comprimento daqui até aqui desse corredor. Aí vai segui o outro pra lá.

**Fernando:** Esse corredor colava nessa parede ou ele fazia um L pra cá?

**Senhor Estandislau:** Colava aqui. Esse corredor colava aqui nesse um aqui.

**Fernando:** Aqui é uma parede.

**Senhor Estandislau:** Exatamente. Colava aqui nessa coisa que entrava pra cá. Nesse salão daqui, entendeu? Esse pra cá, vamos dizer que fosse o corredor, né. Quando nós tivemos acesso ele já tava meio deteriorado que era de madeira, tudo de madeira.

**Fernando:** Porque de pedra, ta vendo, é mais escuro. Eu acho que isso aqui era de madeira do lado da varanda.

**Senhor Estandislau:** É, é. A gente já não andava mais pra lá porque o assoalho já tava estragado. Aí a gente tinha acesso direto nesse pra cá.

**Fernando:** Então as pessoas saiam da sala lá em cima e saiam nesse corredor aqui.

**Senhor Estandislau:** Nesse corredor. É exatamente. Que emendava nesse grande.

**Fernando:** Ahh o Senhor matou a charada agora! (Risadas)

**Senhor Estandislau:** Aqui pra cá era cozinha, entendeu? Pra cá, pra cá que tinha.

**Fernando:** Aqui, bem aqui, na parte de trás.

**Senhor Estandislau:** É na parte de trás. Aqui na frente desse coiso era que ele batia o coiso. Aqui ela vinha e vinha até aqui o canto. Essa aqui no canto era só de tijolo, não era nem assim, era toda de tijolo sem rebocada, entendeu? Essa parte bem aqui. Até aqui assim ela tinha treze janelas que eu conferi. Do lado de baixo dessa parte aqui.

**Fernando:** Aqui era onde ficava a sala grande. Aqui o corredor que ficava pros quartos e lá atrás a cozinha que tinha o banheiro nesse canto aqui.

**Senhor Estandislau:** É exatamente.

**Fernando:** Era isso?

**Senhor Estandislau:** Era.

**Fernando:** A diferença é que junto aqui do casarão por trás dele tinha um pequeno corredorzinho onde saiam as pessoas da sala sempre por esse corredorzinho.

**Senhor Estandislau:** É esse corredorzinho, é. Exatamente.

**Fernando:** Porque é um material diferente. Você vê aqui, olha, isso aqui parece ser pedra e isso aqui parece ser uma madeira pintada de branco, alguma coisa assim, algo mais claro né, porque não é do mesmo tom, nem da mesma cor. É como se fosse uma varanda. E aí a escada chegava aqui em cima. Essa escada era de quê? De madeira, de pedra?

**Senhor Estandislau:** Madeira!

**Fernando:** Madeira?

**Senhor Estandislau:** Madeira.

**Fernando:** Era larga?

**Senhor Estandislau:** Rapaz, eu acho que era uma madeira vermelha. Era comparada igual Sapucaia. Era bem polida, bem torneada, era bem comprida assim, e pegava o corrimão.

**Fernando:** A largura da escada era assim, era assim. Passava uma pessoa? Quantas pessoas passavam?

**Senhor Estandislau:** Passavam umas duas pessoas uma do lado da outra.

**Fernando:** Era da largura da porta lá ou não?

**Senhor Estandislau:** É mais ou menos da largura da porta.

**Fernando:** Da porta arredondada, né?

**Senhor Estandislau:** É. Meio pra dois metros ela tinha. Aqui no lado dessa escada que dizem que tinha, porque aqui por baixo era tudo dividido. Essas casa aqui era tudo dividido. Aqui debaixo dessa aqui tinha um chiqueiro grande. De porco, muito porco, galinha. Era embaixo da cozinha. Isso aí pra cá. A mesma largura que tinha pra cá vinha pra cá e encostava bem aqui.

**Fernando:** Então eles gritavam manda um porco aí. E subia o porco. (Risadas)

**Senhor Estandislau:** Deu pra entender um pouco?

**Fernando:** Entendi muito! Muito obrigado Seu Estandislau! Ajudou muito!

**Um homem pergunta:** E Doutro Fernando, matou a charada ou não?

**Fernando:** Ajudou muito!

**O homem fala ao fundo:** Era essa varanda que tava faltando, né?

**Fernando:** É era a varanda, o corredor, e agora a gente conseguiu chegar na cozinha. (Risadas)

**Um homem fala ao fundo:** Agora até o porco já sobe já!

**Uma mulher pergunta:** Tinha algum pé de sapotilha próximo?

**Senhor Estandislau:** Não me lembro não.

**A mulher continua perguntando:** Jenipapo?

**Senhor Estandislau:** Jenipapo tinha.

**A mulher concorda:** Jenipapo tinha.

**Senhor Estandislau:** Jenipapo até hoje tem! (Risadas)

**A mulher pergunta:** Até hoje tem?

**Senhor Estandislau:** Tem!

**A mulher continua perguntando:** Carambola?

**Senhor Estandislau:** Mas era mais azedo que...

## **ENTREVISTA COM SENHOR ESTANDISLAU LOBO**

**Senhor Estandislau:** A minha prima morou lá. Vigiano lá para o pessoal que era...e ela fazia todo esse...e quando chegava bem aqui era que tinha a cozinha. Aqui, essa cozinha, esse aqui era vago aqui esse corredor grande aqui que vinha até aqui para chegar nessa parte era vago, só o corrimão, entendeu?

**Fernando:** Ah tá, sim aqui estava mais ou menos representado o que? Era o corredor?

**Senhor Estandislau:** O corredor que era só corrimão. Aqueles corrimão, assim, com umas, uns sistema de umas venezianas, assim de madeira, nesse sentido assim.

**Fernando:** E não tinha janela de vidro para proteger da chuva?

**Senhor Estandislau:** Não. Era tudo vago para o lado do corredor. O corredor era grande, mas era grande mesmo.

**Fernando:** E era isso aqui, né?

**Senhor Estandislau:** É, exatamente o corredor lá.

**Fernando:** Então devia ter uns pilares de madeira para sustentar o telhado, o forro né. E embaixo tinha um corrimão com um para-peito.

**Senhor Estandislau:** É, era, tinha né. Era esteio, largo, grande. Esteio, esteio. O assoalho dela era naquela época que era de capu e pau amarelo desse corredor aqui, das salas, tudo. Era capu e pau amarelo. Só que era daquela época que o Preto não tinha serrote para serrar. Era lavrado, tirava à força, era tudo lavrado. Então saía aqui. Aqui era o comércio. Nesta parte bem aqui.

**Fernando:** Essa construções ainda tem hoje lá, viu! Esses cubículos, esses apartamentos, né.

**Senhor Estandislau:** É. Aqui que tinha um, um, um alçapão, como dizem que tinha, né, mas eu nunca cheguei a ver esse alçapão porque quando viajávamos para lá o Ávaro que era o último que conheci. Aí aqui funcionava a serraria, os índio já tinham morrido tudo, aqui era só serraria. Então essa parte aqui tinha um senhor de São Miguel do Gaumá. Ele ta velho até. Eu falei com ele no tempo de Salvador, Quilhas Novas.

**Uma mulher interrompe dizendo:** Ele mora lá em São Miguel do Gaumá.

**Senhor Estandislau:** Salvador, Quilhas Novas. Ele era um, um...

**Novamente a mulher interrompe e diz:** Fernando, ele tem lá um relógio de madeira que era daí. Ele era o primeiro que morou lá. Ele era o caxeiro.

**Senhor Estandislau:** Ele era o...o caxeiro de cá.

**A mulher continua:** Ele trabalhou 20 anos aí de caxeiro. Só que agora ele ta com uns noventa anos.

**Senhor Estandislau:** É uns noventa anos já.

**A mulher complementa:** Ele mora lá em São Miguel perto do café, da fábrica de café, do Café do Norte. Ele era funcionário do Café do Norte há muitos anos.

**Fernando:** Era de onde? Quilhas Novas, não é?

**Senhor Estandislau:** É Quilhas Novas.

**A mulher fala:** Ele tem fotos dela preto e branco ainda. Só que o filho dele tava na frente do casarão e levou um pedaço da foto fica só uns pedaços. Só uma parte dela.

**Fernando:** É a gente pode procurar aí.

**A mulher:** É o filho dele bateu uma foto na frente. E quando o filho dele foi embora para Manaus, ele queria se levar pequeninho, ele queria levar a imagem dele pequeno, aí...

**Fernando:** Aí ele não copiou tirou pedaço e levou, né.

**A mulher continua:** ...Aha. Aí Seu Salvador não queria dá a foto toda, pra não leva, por causa da foto da Aproaga. Ele tirou a parte que tava o filho. Deu pra ele e ficou o outro lado.

**Fernando:** É.

**Senhor Estandislau:** E é isso. Aqui essa parte é isso. O pé era aquela carambola.

**Fernando:** Carambola?!

**Senhor Estandislau:** Carambola! Bem aqui era o que tinha lá. Eu até quando eu era moleque tentei um dia ir lá "Mas que fruta tão bonita essa!". Eu era molecote assim

pequeno “Mas é tão bonito aquele monte lá. Mas eu quero experimentar.” Daí fui e cheguei a apanhar uma eu trouxe. Aí fui experimentar. Azeda que só... (Risadas)

Vozes ao fundo diziam: Só é bonita, né! Só é bonita!

**Senhor Estandislau:** Azeda que só... (Risadas)

**Fernando:** Me diga uma coisa aqui. Eu tenho uma dúvida aqui. A gente soube que o Senhor subia a escada, né, chegava no corredor ou então podia vim aqui pra frente. Não tinha uma sala grande em cima?

**Senhor Estandislau:** Podia! A sala era grande aqui. Aqui essa sala que era de...de...de fazer e arrumar, de reunir, de algumas festança. Era uma sala grande, e depois ela tinha, ela ocupava essa janela, três janelas.

**Fernando:** Que dava para o lado do casarão? Aqui era a frente do casarão?

**Senhor Estandislau:** Essa era tudo uma casa só.

**Fernando:** Mas eu digo aqui na frente. E esse salão pequeno?

**Senhor Estandislau:** Essa era uma sala pra cá, outra sala.

**Fernando:** A sala era dividida?

**Senhor Estandislau:** A sala era dividida aqui. Essa sala pra cá. Aqui! Aqui em cima ela tinha uns...Como é o nome daquele negócio de...? Não é balaustre?! Aquele negócio grande que fazem assim tudo.

**A mulher sugere:** Grade!

**Senhor Estandislau:** Não! É, é...

**A mulher sugere uma segunda vez:** Torneado!

**Senhor Estandislau:** Torneado! Como é, aquilo torneado tudo, mas era de cimento. Tudo bem feito. Ela tinha essa altura.

**Fernando:** E era aonde isso?

**Senhor Estandislau:** Lá em frente. Essa parte daqui era.

**Fernando:** Nas janelas aqui da frente?

**Senhor Estandislau:** Elas todinhas!

**Fernando:** Ela acabava onde?

**Senhor Estandislau:** Ela era dessa altura. Em cima dela tinha uma mármore.

**Fernando:** Ah sim!

**A mulher participa de novo:** E o parapeito.

**Senhor Estandislau:** Ahhh é, e o parapeito. Tinha um parapeito de mármore.

**Fernando:** Será era assim...Aqui esta as janelas de vista de frente, né?

**Senhor Estandislau:** É.

**Fernando:** Aí aqui tem o mármore. E aqui embaixo tinha os balaustres.

**Senhor Estandislau:** Os balaustres! Eram nesse sentido.

**Fernando:** Assim o negócio.

**Senhor Estandislau:** É assim, exatamente! E a janela daqui pra cima, entendeu?!

**Fernando:** E daqui pra cima janela, né?

**Senhor Estandislau:** É, exatamente!

**Fernando:** Era vidro? Tinha vidro ou era só veneziana?

**Senhor Estandislau:** Não eram umas janelas, elas eram aquelas janelas cheia de moldura.

**Fernando:** Eram almofada?

**Senhor Estandislau:** Almofadinha! Todinha bem fechada.

**Fernando:** Mas e não tinha vidraça?

**Senhor Estandislau:** Não, não tinha vidraça.

**Fernando:** E se chovesse? Se desse chuva, como era? Acendia a lamparina, né?

**Senhor Estandislau:** É. Ela só tinha essa proteção aqui em cima que clareava o sistema aqui ó. E parecia que era uma bandeira. Uma bandeira ó. Bem aqui!

**Fernando:** Uma bandeira, né?

**Senhor Estandislau:** É exatamente.

**Um homem fala:** Era um negócio aí em cima aí.

**Senhor Estandislau:** Exatamente.

**Fernando:** Então como era a visão aqui em cima o Senhor lembra? A divisão dessas salas?

**Senhor Estandislau:** Aqui era os quartos, entendeu?! Pra cá.

**Fernando:** Aqui tinham os quartos, mas as pessoas chegavam na escada. O Senhor chegava lá em cima na escada dobrava...

**Senhor Estandislau:** Eu dobrava logo aqui nesse salão se eu quisesse vim pra cá. E se eu quisesse vim pra cá, eu me vinha embora pra cá.

**Fernando:** Ta. Então encerrava por aqui o corredor da escada, não é?

**Senhor Estandislau:** Exatamente!

**Fernando:** Encerrou aqui. E aqui?! Aqui tinha alguma divisão aqui?

**Senhor Estandislau:** Não. Aqui era uma sala grande. Completa, tudinho. Fazia frente pra cá, que eu olhava tudinho. Ia ter divisão aqui depois dessa escada que tinha duas salas que eram quase de um tamanho só. Essas duas salas aqui.

**Fernando:** Hmm, tá. Mas lá embaixo a gente vê na foto que tem uma porta que é retangular, né, e tem outra mais larga que é colonial. A escada ficava na direção de qual? Dessa colonial ou da retangular?

**Senhor Estandislau:** Olhe, eu sei que ela ficava aqui perto dessa sala aqui, dessa sala que dividia...

Fernando: Então era nessa direção aqui.

**Senhor Estandislau:** Exatamente. É. Na entrada. Ela ficava na frente dessa entrada aqui que subia a escada alta, direto.

**Fernando:** Então vamos dizer que aqui tinha uma divisória. Refazendo o desenho. Bem aqui tinha uma divisória, né?! Aqui tinha a porta que levava para o corredor, e a escada era aqui.

**Senhor Estandislau:** Exatamente, a escada era aí.

**Fernando:** Aí o Senhor saía da escada vinha pra cá...

**Senhor Estandislau:** Vinha, tinha uma porta aqui e entrava pra essa parte pra cá.

**Fernando:** Ahh então tinha uma porta aqui? Ahh então devia ter uma outra divisória aqui!

**Senhor Estandislau:** Exatamente! Tinha uma divisória aí.

**Fernando:** E esse salão?! Ele era dividido em dois também?

**Senhor Estandislau:** Era em dois!

**Fernando:** Eram duas salas iguais?

**Um homem participa:** Essa parte era lá de cima, né?

**Senhor Estandislau:** É, lá de cima.

**O homem continua:** Pois é, essa aqui era limpo aqui. Saía da escada e não tinha divisória.

**Fernando:** Não tinha divisória?! Era um salão de festa?

**O homem fala:** Essa parte que a gente subia daqui ela não tinha divisão aqui. Essa tinha, mas essa aqui pra cima não tinha. Ah lá de cima. Eu subia a escada eu parava lá em cima, e ela era limpa aqui ó.

**Senhor Estandislau:** Era só um salão. Só sei que aqui era tudo dividido das partes dos quartos.

**O homem fala:** A parte de cima! Essa parte aqui não tinha. Ela era limpa. Eu subia daqui. Essa parte daqui é como se tivesse olhando de cima, né. Não tinha, não.

**Senhor Estandislau:** Daqui dessa escada aquele cara pulou. E justamente o medo. Ele pulou e quase morreu! (Risadas) Mas é!

**Fernando:** Deixa eu perguntar, tem uma coisa que a gente enxerga na foto que atrás dessa parte da frente do casarão, lá em cima, na parte de trás, tem tipo um prolongamento do telhado, tipo uma quebrada assim da varanda.

**Senhor Estandislau:** Era porque justamente tinha uma caixa d'água lá em cima que eles tocavam manual daquele poço que tinha lá embaixo. Manual mesmo, uma bomba que mandava pra lá. Lá em cima tinha uns sanitário, enfim pra cá, diante da cozinha.

**Fernando:** Mas era aqui?

**Senhor Estandislau:** Aqui, aqui, aqui nesse rumo aqui ó. Bem aqui assim.

**Um segundo homem participa:** Isso aqui representa o chaminé da Aproaga que era do lado da casa. Isso aqui era a casa, né? Aqui tinha um chaminé muito grande porque no tempo que...eu vou completar 61 anos eu conheço bem, tão igual a Estandislau, né?!

**Fernando:** Aha.

**O homem continua:** Isso aqui, aqui é a casa, e isso aqui é a chaminé. Aqui, os cara entravam por aqui ó. Pra dentro dele aqui subia numas escada e vinha bate o sino aqui em cima! Aqui o cara batia a tampa e ouvia em Taperosso.

**Fernando:** Comunicava com Taperosso.

**O homem confirma:** Comunicava com Taperosso. Quando tocava aqui tum, tum, lá em Taperosso ouvia também. Subia por aqui ó.

**Um terceiro homem fala:** A escada era por dentro?

**O homem que estava falando confirma:** Por dentro do tubo. Isso aqui era tudo cercado de pedra, e de tijolo, e de não sei o que era os outro material. Redondo. Era redondo, não era?!

**Senhor Estandislau:** Não era quadrado.

**Fernando:** Quadrado né.

**O homem continua:** Aí subia por aqui por dentro. Daí quando subia aqui em cima batia canto. Era isso aqui ó, a formatura dele era isso aqui.

**Senhor Estandislau:** Não, mas isso não era não. Isso era pra tocar o vapor de lá que funcionava lá. Isso aí era os dia que tava parado, é assim que me contaram! O cara subia por dentro pra soltar foguete lá e diziam pro outro que tava lá no Tacaratu. Pra responder lá, porque tudo isso aqui era canaviais.

**Fernando:** E o engenho devia ser grande, né?

**Senhor Estandislau:** É, é porque eram 12 irmão.

**Fernando:** Porque ainda tem um pedaço d'água ainda, né?

**Senhor Estandislau:** É, é. Eles fecharam o igarapé lá. A gente escuta assim, mas...

**Fernando:** Quando o Senhor saia aqui do corredor saia num salão grande lá em cima, no salão de festas, e no rumo do corredor do lado tinha os quarto.

**Senhor Estandislau:** Tinha os quartos.

**Fernando:** Do lado tinha a carambola que era o guarda-corpo que o Senhor falou aí...

**Senhor Estandislau:** É, mas era aqui mais embaixo.

**Fernando:** Sim, lá embaixo. Agora, aqui não nenhuma saleta, nenhuma varanda, não tinha mesa, nenhuma coisa assim?

**Senhor Estandislau:** Não, não tinha nada. A mesa era aqui nessa sala aqui. Nesse salão comprido que vinha pra cozinha. Aqui tava aquele negócio que você falou lá, aquele pilarzinho que justamente tinha uma declinada e aqui também tinha o sanitário. Lá de cima.

**Fernando:** Lá de cima.

**Senhor Estandislau:** Lá de cima. E aqui também tinha uma caixa d'água que eles batiam e vinha pra cá, para essa parte aqui. Eu acho que até deve ter um parente aqui de Ezébio. Ezébio. Tem parente aqui de quem Ezébio parente era? Parente, não era seu não? Ezébio cansei de vê. Eu ia lá com meu pai lá, às vezes compra. Ezébio era um preto lá que ficava de manhã batendo aquela lavanca pra toca água lá pra cima. Eu fui várias vezes olha pra ele. Era menino. Devia ter uns 10 anos, 8 anos. E sobe essa água pra lá. Ficava lá no poço batendo, perto daquela roda d'água. Não tem um ferro grande lá?

**Fernando:** Lá no eixo dela, né?

**Senhor Estandislau:** É o eixo dela. Era lá naquela direção lá que água ia lá pra cima.

**Fernando:** É impressionante a distância até lá, né. Se o Senhor voltasse lá hoje, o Senhor tinha condição de aponta isso era isso, onde funcionava isso. O Senhor lembra disso? Se chegasse no lugar lá.

**Senhor Estandislau:** É porque ta um bocado...

**Fernando:** Hoje a gente não vê mais nada! A gente mediu, a gente achou a base da parede da frente.

**Senhor Estandislau:** Da frente. Exatamente.

**Fernando:** Que hoje já não tem mais.

**Senhor Estandislau:** Essa aqui vocês não mediram, né?

Fernando: Não, a gente mediu tudo.

**Senhor Estandislau:** Mediu tudo.

**Fernando:** Mediu tudo. A gente limpou um pouco a parte da frente lá com a colher assim e enxergou o resto da parede que tava bem por aqui assim, né. Então a gente já até mais ou menos a casa ia. A parte da frente. Então as medidas a gente já tem mais ou menos o controle. Mas a divisão é que não dá pra fazer. Assim para fazer como era dividido o espaço, não dá pra saber porque é debaixo do aterro.

**Senhor Estandislau:** Perto daquelas coisa não tem aquela...aquele janelão?

**Fernando:** Tem, desse lado aqui tem as portas...

**Senhor Estandislau:** Tem quantas janelas?

**Fernando:** Tem uma, duas, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, deve ter mais lá pra trás. Mas aqui tem umas janelas que tem um negócio assim, a porta e em cima tem um redondo.

**Senhor Estandislau:** É, exatamente. Tem.

**Fernando:** Aí a outra não tem, e a outra tem. Aí uma sim, uma não, uma sim, uma não. É um enfeito né.

**Uma mulher pergunta ao fundo** algo para Senhor Estandislau se lembrava algo da casa. E ele responde.

**Senhor Estandislau:** Não me lembro dela não. Porque ó, nós só tivemos acesso pra entrar pra lá. Na época de Ávaro ninguém tinha acesso lá.

**Várias pessoas falam juntas ao mesmo tempo sobre o assunto.**

**Fernando:** E aqui tinha alguma muretazinha que unia aqui pra trás, não?

**Senhor Estandislau:** Não. Aqui era tudo vago, só tinha uma cercazinha. Cerca de madeira mesmo que vinha por aqui e justamente por aqui era o pé que eu apanhava a carambola. (Risadas)

**Fernando:** A carambola.

**Um homem pergunta:** A cozinha era lá embaixo mesmo?

**Senhor Estandislau:** Não, a cozinha era aqui em cima.

**O mesmo homem sugere:** Eu acho que era melhor leva ele lá mesmo e assim olhando o mapa pra poder destrinchar melhor isso aí.

**Fernando:** Pois é, da outra vez que eu vim aqui a gente deixou um dever de casa, né, para as pessoas irem lembrando e irem anotando, né “Ah vão anotando o que vão lembrando.” Porque é preciso ter uma continuidade assim, e mais tempo também. Levar eles lá seria fundamental.

**Um homem concorda:** Com certeza!

**Senhor Estandislau:** E outra coisa, a gente olhando na foto dela seria importante a gente olha porque...

**Um homem interrompe e diz:** é uma muito ter a imagem na mão. (Risadas) Pega a foto e daí já tá vendo, né.

**Senhor Estandislau:** E tem uma direção de mais ou menos do que era, né.

**O homem continua:** Já fica na mente já.

**Fernando:** Eu tenho uma foto pequena, a gente vai ter que...Olha a roda d'água eu acho que era desse jeito aqui. Aqui eu acho que era a frente dele, e aqui é a foto mesmo.

**Senhor Estandislau:** Pois olhe, esse aqui era o chaminé. Esse aqui, nesse aqui que era o...Olha aqui essas janela...

**Fernando:** Essa é a porta.

**Senhor Estandislau:** Essa é a porta! Bem aqui! No pé dessa porta é que subia a escada. Pra cá era o comércio, entendeu? Daqui era fechada essa daqui e era fechado essa daqui. Era aberto só essa aqui e esse canto aqui. Essas três janela aqui ficavam pra cá, desse quarteirão daqui que é esse salão...

**Fernando:** De cima dividido.

**Senhor Estandislau:** Dividido, entendeu? E esse pra cá era para outra que era justamente o salão daqui. Agora nessa parte de lá é que justamente tinha, parece que

tinha essas três janelas que ocupavam esse resto pra cá. E esse resto pra cá tinha mais três pro lado de lá. Você entendeu como é os balaustres?

**Um homem concorda:** Entendi. É de cimento é?

**Senhor Estandislau:** Era cimento, mas era tipo...

**O homem recorda:** Tipo torneado, né?

**Senhor Estandislau:** Tipo tornado. Aqui em cima que tinha aquelas pedra de mármore. E aí aqui ela vinha embora e o salão comprido que era só aquelas veneziana. Ta enxergando aqui ó?

**Fernando:** To, to enxergando.

**Senhor Estandislau:** Aqui ó era vago. Esse salão que era justamente o corredor...

**Fernando:** A minha dúvida é justamente isso aqui. Ta vendo esse pedaço aqui? Ta vendo esse pedaço? Ele ta encostado na casa.

**Senhor Estandislau:** É, mas era tudo dessa parte daqui. Dessa parte daqui, entendeu?

**Fernando:** Então era como se fosse um prolongamento. A parte de cima ta aqui olha. O azul é essa parte da frente, ta Seu Estandislau?

**Senhor Estandislau:** Eu sei.

**Fernando:** Essas duas janelas são essas duas bem aqui ó, uma, duas. Isso o que era? Era uma bem aqui?

**Senhor Estandislau:** É, justamente vinha daqui. Emendado daqui mesmo. Era um corredor. Era um corredor, entendeu? Saia e entrava pra cá.

**Um homem participa explicando:** Eu acho que isso aqui era só um sobrado, uma varanda pra ficar assim na parte da manhã.

**Senhor Estandislau:** Era só uma varanda, né?

**O homem concorda:** Era só uma varanda, né.

**Um outro homem fala:** Aqui era uma varanda que unia para o corredor. Em L, né.

**Senhor Estandislau:** E justamente é essa parte pra cá, essezinho aqui fica exatamente essa daqui. Desse corredor comprido aqui ó.

**Fernando:** Isso. Que tinha os pilares de madeira.

**Senhor Estandislau:** Agora aqui, ela tinha essas três janelas que ocupavam essa sala, esse salão daqui. Tinha mais três do lado aqui debaixo, e era treze janelas pra lá.

**Fernando:** Treze?

**Senhor Estandislau:** É treze! Cada quarto pra lá, tirando essas treze era uma janela.

**Fernando:** Seu Estandislau, me diga uma coisa aqui rapidinho. Eu to me atrapalhando. Essa porta aqui redondada, colonial aqui era ela que ficava na direção da escada?

**Senhor Estandislau:** É, essa daqui que ficava. É.

**Fernando:** Era isso?

**Senhor Estandislau:** É.

**Fernando:** Então ela vai dar na direção de uma escada que vai...

**Um homem participa:** Vai uma pra cá e duas pra cá.

**Senhor Estandislau:** É bem no meio.

**Fernando:** Essa escada dava direto no corredor ou ela dobrava depois?

**Senhor Estandislau:** Dava direto no corredor pra lá. Agora tinha as divisões, mas era tudo ao contrário.

**Um homem pergunta:** Esse corredor passava direto pra cá, junto com cordão da casa??

**Senhor Estandislau:** Passava porque ele dava acesso pra essas coisas porque tinha um passeio na frente dessa sala pra cá, entendeu?

**O homem participou outra vez:** Entrava aqui e já vinha pra cá.

**Senhor Estandislau:** É. Esse vinha pra essa sala e depois entrava pra cá pra essas salas.

**Fernando:** Eu vou fazer esse desenho rapidinho aqui. Olha só. Aqui tem a parte da frente e tem uma porta redonda aqui, tem as outras portas, tem as três portas do lado de lá, é isso?

**Senhor Estandislau:** Exatamente.

**Fernando:** E cada direção das portas de baixo tem uma janela em cima.

**Senhor Estandislau:** Tinha.

**Fernando:** Aqui assim né. E depois tinha o lado dele que o que o a gente tá vendo aqui é todo o lado dele.

**Senhor Estandislau:** É, é exatamente.

**Fernando:** No lado dele tinham duas janelas. Eram duas janelas? Não é?

**Senhor Estandislau:** É, é.

**Fernando:** Então isso aqui, tá vendo esse desenho aqui é uma cobertura. Ele tinha uma cobertura de manteiga, né, que aparece aqui, bem assim. Então isso aqui representa uma planta desse retângulo que eu mostrei aqui. É isso aqui.

**Senhor Estandislau:** Exatamente.

**Fernando:** É um retângulo aqui que quer dizer isso aqui. Aí olhando a foto aqui, a gente vê esse negócio bem aqui assim, que parece uma continuação da casa, uma coisa que foi colocada junto da casa, não é?

**Senhor Estandislau:** Não. Ele fundou aqui.

**Fernando:** Onde terminava o casarão? Era aqui ou era aqui?

**Senhor Estandislau:** Ele terminou aqui. Isso era bem junto, essa parte não tinha acesso pra cá. Pra lá era o mesmo comprimento daqui até aqui desse corredor. Aí vai segui o outro pra lá.

**Fernando:** Esse corredor colava nessa parede ou ele fazia um L pra cá?

**Senhor Estandislau:** Colava aqui. Esse corredor colava aqui nesse um aqui.

**Fernando:** Aqui é uma parede.

**Senhor Estandislau:** Exatamente. Colava aqui nessa coisa que entrava pra cá. Nesse salão daqui, entendeu? Esse pra cá, vamos dizer que fosse o corredor, né. Quando nós tivemos acesso ele já tava meio deteriorado que era de madeira, tudo de madeira.

**Fernando:** Porque de pedra, ta vendo, é mais escuro. Eu acho que isso aqui era de madeira do lado da varanda.

**Senhor Estandislau:** É, é. A gente já não andava mais pra lá porque o assoalho já tava estragado. Aí a gente tinha acesso direto nesse pra cá.

**Fernando:** Então as pessoas saiam da sala lá em cima e saiam nesse corredor aqui.

**Senhor Estandislau:** Nesse corredor. É exatamente. Que emendava nesse grande.

**Fernando:** Ahh o Senhor matou a charada agora! (Risadas)

**Senhor Estandislau:** Aqui pra cá era cozinha, entendeu? Pra cá, pra cá que tinha.

**Fernando:** Aqui, bem aqui, na parte de trás.

**Senhor Estandislau:** É na parte de trás. Aqui na frente desse coiso era que ele batia o coiso. Aqui ela vinha e vinha até aqui o canto. Essa aqui no canto era só de tijolo, não era nem assim, era toda de tijolo sem rebocada, entendeu? Essa parte bem aqui. Até aqui assim ela tinha treze janelas que eu conferi. Do lado de baixo dessa parte aqui.

**Fernando:** Aqui era onde ficava a sala grande. Aqui o corredor que ficava pros quartos e lá atrás a cozinha que tinha o banheiro nesse canto aqui.

**Senhor Estandislau:** É exatamente.

**Fernando:** Era isso?

**Senhor Estandislau:** Era.

**Fernando:** A diferença é que junto aqui do casarão por trás dele tinha um pequeno corredorzinho onde saiam as pessoas da sala sempre por esse corredorzinho.

**Senhor Estandislau:** É esse corredorzinho, é. Exatamente.

**Fernando:** Porque é um material diferente. Você vê aqui, olha, isso aqui parece ser pedra e isso aqui parece ser uma madeira pintada de branco, alguma coisa assim, algo mais claro né, porque não é do mesmo tom, nem da mesma cor. É como se fosse uma varanda. E aí a escada chegava aqui em cima. Essa escada era de quê? De madeira, de pedra?

**Senhor Estandislau:** Madeira!

**Fernando:** Madeira?

**Senhor Estandislau:** Madeira.

**Fernando:** Era larga?

**Senhor Estandislau:** Rapaz, eu acho que era uma madeira vermelha. Era comparada igual Sapucaia. Era bem polida, bem torneada, era bem comprida assim, e pegava o corrimão.

**Fernando:** A largura da escada era assim, era assim. Passava uma pessoa? Quantas pessoas passavam?

**Senhor Estandislau:** Passavam umas duas pessoas uma do lado da outra.

**Fernando:** Era da largura da porta lá ou não?

**Senhor Estandislau:** É mais ou menos da largura da porta.

**Fernando:** Da porta arredondada, né?

**Senhor Estandislau:** É. Meio pra dois metros ela tinha. Aqui no lado dessa escada que dizem que tinha, porque aqui por baixo era tudo dividido. Essas casa aqui era tudo dividido. Aqui debaixo dessa aqui tinha um chiqueiro grande. De porco, muito porco, galinha. Era embaixo da cozinha. Isso aí pra cá. A mesma largura que tinha pra cá vinha pra cá e encostava bem aqui.

**Fernando:** Então eles gritavam manda um porco aí. E subia o porco. (Risadas)

**Senhor Estandislau:** Deu pra entender um pouco?

**Fernando:** Entendi muito! Muito obrigado Seu Estandislau! Ajudou muito!

**Um homem pergunta:** E Doutro Fernando, matou a charada ou não?

**Fernando:** Ajudou muito!

**O homem fala ao fundo:** Era essa varanda que tava faltando, né?

**Fernando:** É era a varanda, o corredor, e agora a gente conseguiu chegar na cozinha.

(Risadas)

**Um homem fala ao fundo:** Agora até o porco já sobe já!

**Uma mulher pergunta:** Tinha algum pé de sapotilha próximo?

**Senhor Estandislau:** Não me lembro não.

**A mulher continua perguntando:** Jenipapo?

**Senhor Estandislau:** Jenipapo tinha.

**A mulher concorda:** Jenipapo tinha.

**Senhor Estandislau:** Jenipapo até hoje tem! (Risadas)

**A mulher pergunta:** Até hoje tem?

**Senhor Estandislau:** Tem!

**A mulher continua perguntando:** Carambola?

**Senhor Estandislau:** Mas era mais azedo que...

### TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA SENHOR J. RENDAS

A reconstrução de como era o predio do Engenho ou Casarão do Aproaga resultou de um trabalho sistematico de indagação aos entrevistados sobre as recordações de sua estrutura. O Casarão ou Engenho atualmente irreconhecível pelo processo de arruinamento tentava ser reimaginado - como era sua estrutura, as plantas baixa e alta, as divisões internas, os espaços de circulação e que feição adquiriu quando se tornou o grande comercio do rio Capim.

Os senhores Estandislau da Luz, José Rendas, João Henriques foram instigados a partir da foto, ou com base no croquis desenhado por Fernando Tavares a dar continuidade e resolver os enigmas. Em alguns momentos significou armar e desarmar um quebra cabeças, mas somente a interrogação sistematica que facilitou essa operação de reerguer suas paredes, janelas e portas. Dona Lourença foi primorosa em dar vida e falar das pessoas que dentro se movimentavam e viveram apaixonadamente.

Conhecido pelo apelido de José Rendas, o senhor vive em Santana do Capim e trabalhou na serraria, quer dizer a fase mais recente do local. A dita serraria se localizava próxima do Casarão e trabalhadores e moradores do rio Capim frequentavam o comercio instalado. O Sr. Rendas tem 6 anos e é marinho, “eu sou marítimo”, com carteira de marítimo pontua ; começou a viajar com 16 anos e como destaca ele pegou “uma vaga numa lancha lá da Aproaga”.

Quando encontramos o senhor Rendas estava sentado em um banco da praça da Igreja de Santa Ana do Capim e estabelecimos um dialogo sobre nosso interesse de conhecer as pessoas que viveram, trabalharam no Aproaga. Em posse da foto ele começou fazendo a pergunta Como vocês conseguiram essa foto? E ele novamente indagou se tinhamos visto a foto que esta no “escritório de Moraes”.

O dialogo inicia com a foto nas mãos de Fernando Tavares que orienta as descrições mediante suas perguntas. Opta-se por condensar frases e inserir as questões que nortearam a entrevista.

*JR O comércio era como comércio antigo, né. Aqui tá o prédio. Aqui tá o rio.*

F: O Senhor vai entrar aqui, andando aqui e passa das portas.

*JR. Aqui são as portas que tem aqui embaixo.*

F. Quando chega aqui no salão grande o Senhor disse que aqui tem uma divisão grande que aqui era o comércio, à esquerda.

*JR Aqui era tudo dividido, aqui em cima era tudo dividido. Mas era tudo dividido, assim como ta aqui. Isso. É a escada ia pra cima, e aqui embaixo tinha a parte maior que eu cheguei ver lá era só a cozinha, que é lá atrás. A cozinha, ela fica pra cá. Ficava assim, né. Isso. Era tudo dividido. Um corredor comprido. O comprimento do prédio é o corredor.*

**F:** Está vendo aqui devia ficar em cima daquela construção que a gente viu de tijolo. Naquela direção deve ser o corredor. Bom, de frente para a escada, ela ia direto ou ela ia assim e depois voltava?

**JR:** Não, ela ia direto.

**F:** Tipo um patamar?

**JR:** Não, ela ia direto.

**F:** Mas ela não devia ser muito longe da porta de entrada, não.

**JR:** Não, o assoalho subia por cima da escada.

**F:** Isso. Na parte de cima. Então ela devia estar na direção do corredor?

**JR:** É na direção do corredor a porta.

**F:** A escada.

**JR:** A escada isso. A escada já ia direto. Era assim uma escada de uns 2 metros mais ou menos.

**F:** Olha, bem aqui, pelo o que eu estou entendendo, o Senhor subia uma escada até chegar no nível do corredor. O corredor lá em cima comunicava com a parte de trás, eu não sei se era um salão grande, eu não sei o que era, depois você me diz. Mas aqui desse lado tinham uns quartos que davam para um corredor.

**Jr:** É, é. Na esquerda, é.

**Fernando:** E desse outro lado aqui era um vazio?

**JR:** Era um corredor largão assim. Que ia até lá o poste quase. A parte de baixo era toda dividida.

**F:** Nesse lado aqui. Só voltando aqui. Na parte de cima também tinha uns quartos aqui na frente, ou um salão, uma sala, alguma coisa assim?. E bem aqui atrás tem uma espécie de uma varanda.

**JR:** Pois é.

**F:** Não é uma varanda isso aqui?

**JR:** É tipo um corredor grande. Que unia com a parte de trás, né? Pelo meio, é.

**F:** Mas ela não vai encostada no muro. Devia ter um muro aqui. Não tinha um muro aqui separando aqui ou não?

**JR:** Não, não. Desse corredor grande aqui a gente já via da janela daqui pra frente. O lado desse chaminé aqui ó. Pois é. Daí daqui a gente já vinha pra cá para esse lado.

**F:** Ah pois é, e não tinha quartos para esse lado?

**JR:** Não, não. Só era um vago.

**JR:** De cima. A cozinha era em cima. Embaixo eu não cheguei a vê porque a gente via ela toda fechada.

**JR:** Tinha uma área lá que a gente nem via porque ele era todo fechado.

**R:** E não tinha uma capela?

**JR:** Não cheguei a ver. Mas eu acho que tinha sim porque esse povo lá era muito católico.

**ER:** E essa chaminé aqui seria da cozinha?

**JR:** Não. É porque nessa época que os escravo fizeram esse negócio aí parece que eles tinha um negócio de uma comunicação, não sei, era lá por Taperuçu e ali por Santo Antônio de novo tinha outra torre lá e uma outra lá embaixo de novo no Taperuçu.

**E R:** Então essas chaminés poderiam servir como meio de comunicação entre eles.

**JR:** Era. Ela não tinha nada a ver com cozinha. Ela era largona assim, cabia a gente subindo.

**F:** Deixa eu ver se eu entendi. A gente vai subindo a escada aqui né, devia ter uma plataforma, mas antes da porta que dava para o corredor. E aqui era o salão grande que ficava lá em cima. Ihh a gente errou, errou aqui! (Risadas)

**JR:** Na frente ela era feito um gradeado de bala ostra assim né. Até as janela, tudinho.

**F:** Então a gente subia a escada, dava a volta por aqui assim para chegar na janela.

**JR:** Na janela da frente.

**F:** Na parte de cima era um salão grande?

**JR:** É, é.

**F:** Quantas janelas? O Senhor lembra de...quando o Senhor dobrava assim, eram duas ou eram três?

**JR:** Parece que...na frente? Ah, na lateral era muita janela.

**R:** E qual era o mobiliário dessa casa?

**JR:** Eu não cheguei a ver.

**ER:** Quantos dormitórios tinha mais ou menos? Quartos para dormir.

**JR:** Parece que era treze. Era. Porque na frente dela onde você aquele monte janela era tudo dividido cada uma janela era um quarto. Quarto bem pequeno.

**F:** Então aqui tinha uma parede.

**JR:** Tinha uma parede que dividia quase no meio do prédio pra cá por exemplo era aquela varanda tipo um corredor e para ali era os quartos, né. Tudo que saia dos quartos saia naquela varanda.

**R:** E os móveis do comércio como eram?

**JR:** Ah isso n...Ah eram assim como é nessa casa aqui. Prateleira tudo com vidro.

**ER:** Tinha um balcão grande ou não?

**JR:** Tinha. De madeira, é.

**JR:** É, era só uma pessoa que tomava de conta. Aí porque eu já trabalhava na lancha de uma serraria que era aqui em cima.

**R:** Era dos mesmos donos?

**JR:** *Era dos mesmos donos.*

**R:** Do Álvaro?

**JR:** *É mas só que eu já trabalhei na época do Albino. O Álvaro já tinha morrido. Eu cheguei a ver o Álvaro. Ele era um português e a senhora dele era amiga da minha tia de Odata.*

**R:** E tinha banheiro?

**JR:** *Não, não cheguei a ver banheiro. : Não naquela época era raro a gente ver esses negócio de banheiro. Mesmo esses prédio grande as pessoas saiam e iam se banhar no rio. Porque essa água aqui, tempos passados, todo mundo tomava essa água, fazia comida.*

**R:** E agora?

**JR:** *Agora não, que ela tá muito poluída. Aí o pessoal já... Poluída com todo o tipo de coisa ruim tá dentro dessa água.*

**ER:** E o que era vendido nesse comércio?

**JR:** *A naquela época era vendido tudo que era mercadoria. Era desses tipo, era ferragem, era confecção. Os comércio antigo, como esse aqui, naquela época a gente comprava tudo. A gente comprava machado, confecção pra fazer roupa, rede, sapato, comprava tudo num comércio desse.*

**F:** E o Senhor comprava à vista ou tinha um caderninho lá?

**JR:** *Não que nada! Naquela época você ficava devendo até um ano pro patrão.: Porque olha naquela época se você tinha que fazer uma roça pra plantar maniva, aí elas amadurecem com um ano, né. Você pegava uma mercadoria para fazer aquela roça porque você não garantia fazer isso com recurso próprio, né, o comércio ajudava. Aí eles esperavam aquela temporada todinha. Amadurecer pra pagar com a produção de lá.*

**ER:** E a principal produção era de maniva?

**JR:** *Era maniva, era. Naquela época era maniva, depois que veio a malva, mas é de pouco tempo.*

**MC:** E o Senhor viu cana?

**JR:** *Vi.*

**R:** E onde estava o canavial aqui?

**JR:** *A não eu não cheguei a ver não. Não, eu já vi ela aqui na região que até hoje a gente planta em qualquer canto da região aqui. Dá bom.*



**Excursão de Quiandeuá a Graciosa: transformações nos modos de existência de povos tradicionais e paisagem arqueológica**

É possível identificar neste século XXI o vale do rio Capim com uma geografia e geomorfologia semelhante àquela apontada por João Barbosa Rodrigues em 1874? O engenheiro, naturalista e botânico brasileiro procedeu a uma descrição e cartografia cuidadosa desde a cidade de São Domingos da Boa Vista, procedente de Belém, até as cabeceiras do Capim, formado pelos rios Surubiju e Ararandeuá. Mas, é necessário relativizar qualquer ideia de semelhanças, permanências desta geomorfologia, pois J. Barbosa Rodrigues menciona em vários trechos o desaparecimento de ilhas sob o impacto da pororoca, as mudanças físicas no trajeto do rio. Assim, o Capim até então “pouco explorado e conhecido” experimentava e continua acumulando transformações sociais e ecológicas que são difíceis de aferir.

A equipe do projeto de pesquisa<sup>3</sup> *Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas do Aproaga* propõe-se inicialmente o reconhecimento do curso do rio Capim, de Quiandeuá a Graciosa. Contudo em campo e devido às condições climáticas a equipe de pesquisa se deteve na vila de Santana do Capim. Desta forma, afirma-se que a tentativa é bem menos pretensiosa. Os pesquisadores deste projeto, em março de 2013, definem o percurso não desde a foz até as cabeceiras, mas dentro de outro recorte: traçam a visita desde Quiandeuá até Santana, o qual coincide com o segmento do rio Capim no qual se observam maiores transformações sociais e ambientais, ampliadas ainda para o povoado de Sebastião do Capim e até propriamente as cabeceiras.

Nos antecedentes da excursão ora relatada estão as memórias dos quilombolas do Aproaga, que falaram de Quiandeuá, Badajos, São Bento, São Mateus. Na etapa de trabalho anterior (setembro 2012) tivemos a contribuição dos senhores Antonio e Mauricio, que com dedicação desenharam o croqui do rio Capim.

No III relatório do Projeto procede-se a expor: primeiro, a releitura do estudo e exploração do rio Capim feito por J. Barbosa Rodrigues; segundo, à sistematização do croqui acima mencionado de autoria dos dois quilombolas: terceiro, à escrita de observações dos pesquisadores que se aproximam de uma descrição etnográfica dos povoados capienses e sua toponímia, das casas de farinha, da vida dos pescadores e ainda uma campanha de georreferenciamento. Paralelo ao registro das paisagens das margens do rio Capim busca-se refletir as territorialidades específicas, situar as problemáticas de perda de recursos - pesqueiros, florestais produzidas pelo incremento do desmatamento, a pecuária e exploração mineral de caulim.

No povoado de Sauá-Mirim foi realizada uma oficina com o título “Patrimônio cultural e Arqueologia” coordenada pelo pesquisador Fernando Marques (Museu Paraense Emílio Goeldi e Universidade Federal do Pará) que finalizou com a elaboração preliminar da planta do Engenho do Aproaga.

Para as próximas etapas do Projeto estão previstos: lançamento de um álbum com o título ***Povos Tradicionais do Capim, Culturas, Territorialidades***. Montagem de uma

---

<sup>3</sup> A equipe está integrada pelos pesquisadores Eliana Ramos, Irislane Pereira de Moraes, Fernando Marques, Ângelo Lima e Rosa Elizabeth Acevedo Marin, coordenadora do Projeto.

exposição itinerante com o tema **Povos de Aproaga: território, memória, patrimônio** e a realização do **Seminário *Patrimônio imaterial, território e memória dos quilombolas***.



Os senhores Mauricio Lopes dos Santos, Antonio José Brito Fialho e o pesquisador Ângelo Lima trabalham sobre o croqui do rio Capim na oficina realizada em 7 de setembro de 2012, a primeira do projeto. Esse croqui subsidia o reconhecimento dos povoados capiemses e o próprio rio com suas enseadas, ilhas, curvas.



Os senhores Mauricio e Antonio continuaram o seu desenho do rio Capim no chão do salão comunitário de Sauá-Mirim.



Na foto a Sra. Marlete, o Sr. Raimundo Aires (ambos de Quiandeu) e o Sr. Manoel Clauderi C. da Luz (presidente da Associação Quilombola Unidos do Rio Capim – AQURC). Quiandeu, comunidade quilombola situada no Alto Capim foi o ponto de partida da Excursão.



Casa de farinha a margem do rio Capim.



Durante a excursão foram feitos registros arqueológicos no povoado Nova Alegria e Cajueiro



Caetano, povoado Capiemse, visto desde o rio.



Sr. Ricardo, liderança no povoado São Mateus.



Oficina Patrimônio Cultural e Arqueologia coordenada pelo pesquisador Fernando Marques. Observa-se a reprodução da Planta do rio Capim e na mesa os artefatos que apoiaram a oficina e exemplares de trabalhos acadêmicos entregues à Associação Quilombolas Unidos do Rio Capim.



Os participantes na oficina manuseiam os objetos e fazem observações e perguntas.



Descrições e narrativas sobre o engenho do Aproaga que antecedem à elaboração da planta pelos participantes da oficina



Dois grupos de desenhistas elaboram a planta do Engenho Aproaga



Foto do Engenho do Aproaga, antes do processo de arruinamento.